

**UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**SALETE INÊS WALTER**

**EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E RELAÇÕES DE TRABALHO DOS  
TRABALHADORES PEGADORES DE FRANGO E BATEDORES DE CAIXA DE  
MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR**

**Marechal Cândido Rondon  
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**SALETE INÊS WALTER**

**EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E RELAÇÕES DE TRABALHO DOS  
TRABALHADORES PEGADORES DE FRANGO E BATEDORES DE CAIXA DE  
MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
sob a orientação do Dr. Vagner José  
Moreira, apresentado à Banca Examinadora,  
como requisito básico para obtenção do  
título de Licenciatura Plena em História,  
pela Universidade Estadual do Oeste do  
Paraná, Campus De Marechal Cândido  
Rondon.

**Marechal Cândido Rondon  
2013**

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS E RELAÇÕES DE TRABALHO DOS TRABALHADORES  
PEGADORES DE FRANGO E BATEDORES DE CAIXA DE MARECHAL CÂNDIDO  
RONDON - PR

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Dr. Vagner José Moreira  
Orientador

---

Pós- Dr. Antônio de Pádua Bosi  
Banca Examinadora

---

Pós- Dr. Rinaldo José Varussa  
Banca Examinadora

MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
2013


## ATA DE DEFESA

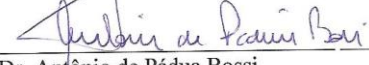
Aos 08 dias do mês de julho de dois mil e treze, reuniram-se os professores: Dr. Vagner José Moreira, Dr. Rinaldo José Varussa e Dr. Antônio de Pádua Bosi para comporem banca examinadora e submeterem a exame o Trabalho de Conclusão de Curso, enquanto requisito para obtenção de título de Licenciado em História, da acadêmica Salete Inês Walter, intitulado **“É que nem os piá dize, uma vez graxaim sempre graxaim”: experiências sociais e relações de trabalho dos trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa de Marechal Cândido Rondon-PR.** O trabalho após a exposição da autora e argüido pela Banca, foi considerado Aprovado, devendo a autora acatar as apreciações da Banca, proceder às reformulações indicadas pela banca e protocolar a versão definitiva em quinze dias, a partir desta data.


Sendo a média final: 300.

Sem nada mais a acrescentar, eu Vagner José Moreira presidente da Mesa, lavro e assino a presente Ata, juntamente com os demais componentes. Marechal Cândido Rondon, 08 de julho de 2013.

  
Dr. Vagner José Moreira (orientador)

  
Dr. Rinaldo José Varussa

  
Dr. Antônio de Pádua Bossi

  
Acadêmica Salete Inês Walter

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Salete Inês Walter, residente em Marechal Cândido Rondon – Paraná, declaro que o texto apresentado é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ele.

NOME: SALETE INÊS WALTER

ASSINATURA: Salete Inês Walter

**Aos meus familiares.**

**Aos trabalhadores.**

**Aos amigos.**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Nelson e Adelaide — meus maiores exemplos. Obrigada pelo incentivo, preocupação, paciência e dedicação.

Aos demais familiares, irmãos, tios e cunhados (as) que incentivam de alguma forma apoiando e auxiliando, no que fosse necessário.

Ao Carlos Griger, pelo seu carinho, companheirismo, apoio e força.

Às minhas amigas que me acompanharam durante a graduação: Taiara Teixeira e Elisangela Raquel Nunes de oliveira. Agradeço também à Vanessa Schwanke, Jaine Alice Lang, Tainara Gerhing e Irma Kunz, Obrigada a todas pela ajuda, força e agradável companhia.

A todos que foram meus professores na graduação, auxiliando e contribuindo com inúmeros momentos de aprendizagem. Ao professor e orientador da pesquisa, Vagner José Moreira, pela orientação, paciência e atenção dedicadas tanto nas pesquisas e também neste trabalho de conclusão de curso.

A todos os trabalhadores que concederam entrevistas e cederam parte do seu tempo contribuindo com a realização deste estudo.

Obrigada a todos estes que contribuíram para a efetivação deste trabalho!

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. (MARX, 2011, p.25).



## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar a inserção dos trabalhadores no processo de produção e agroindustrialização de aves e compreender as relações trabalhistas e sociais que se estabelece tanto na empresa que contrata os trabalhadores como também na Unidade Industrial de Aves Copagril. No processo de desenvolvimento deste estudo, utilizou-se como fonte o periódico local *O Presente Rural* e entrevistas orais realizadas com os trabalhadores sujeitos da pesquisa. Com o objetivo mostrar como é o trabalho desses sujeitos, os quais são pegadores de frango e batedores de caixa, foram realizadas nove entrevistas orais, nas quais se buscou estabelecer um diálogo com esses trabalhadores, procurando compreender a organização do trabalho (as dinâmicas, rotinas, ritmos do trabalho) e as trajetórias ocupacionais desses sujeitos. Por fim, no processo de investigação e problematização da cadeia produtiva de aves em Marechal Cândido Rondon-PR, destacam-se dois focos principais: a delimitação das relações de trabalho e os modos de vida dos trabalhadores e o questionamento das cooperativas agroindustriais, que nas últimas décadas se instalaram na Oeste do Paraná. Essas empresas podem ser entendidas também como uma prática capitalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** experiência social; relações de trabalho; agroindústria de aves; história.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>08</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I: AGROINDÚSTRIA DE AVES E RELAÇÕES DE TRABALHO A PARTIR DE <i>O PRESENTE RURAL</i> (2008-2012).....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II: RELAÇÃO ENTRE AGROINDÚSTRIA DE AVES, TRABALHO E TRABALHADORES EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR.....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>RELAÇÃO DE FONTES.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha dos sujeitos e do tema deste estudo, os trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa, é resultante de minha trajetória acadêmica como pesquisadora, já que este trabalho de conclusão de curso é uma continuidade da pesquisa realizada entre agosto de 2011 a julho de 2012, a qual foi desenvolvida por meio de financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/Fundação Araucária/Unioeste).

Além da pesquisa PIBIC, que resultou no desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, foram desenvolvidos outros trabalhos cujo objeto de pesquisa estava relacionado ao trabalho e aos movimentos sociais. Cita-se o estudo realizado em 2010 sobre trabalhadores rurais, camponeses e campo e em 2011 uma pesquisa referente aos movimentos sociais no campo. Atualmente, o foco da investigação é direcionado às relações de trabalho no campo, tendo como sujeitos da pesquisa trabalhadores da avicultura. Todos os estudos mencionados são vinculados ao Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e da Cidade e à Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais.

Ao constituir uma história dos trabalhadores batedores de caixa e pegadores de frango, estamos produzindo uma história social do trabalho, tendo como perspectiva os historiadores marxistas britânicos Edward Palmer Thompson<sup>1</sup> e Eric J. Hobsbawm<sup>2</sup>. É necessário escrever uma história social do trabalho, pois as relações de trabalho na sociedade contemporânea são projetadas de maneira naturalizada pela imprensa, seja ela de nível local, regional ou nacional.

A opção por continuar com a pesquisa e realizar esta monografia é resultante do interesse por maior conhecimento relativo ao cotidiano que permeia a vida dos trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa, como também por suas condições de trabalho e de vida. Outro estímulo para esta investigação é o fato de minha família sempre ter trabalhado no meio rural, sendo esse um espaço de vivência desde a infância, já que minha família permanece no mesmo local. Vale ressaltar que é nesse meio onde também se fazem presentes as relações de trabalho na atividade avícola. Sendo assim, tal

---

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1997.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, E. J. **Os trabalhadores**: Estudos sobre a história do Operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

pesquisa agrega grande valor para a minha formação profissional, pois está diretamente ligada com o viver no campo.

Para desenvolver este estudo, que tem por objetivo problematizar a inserção desses trabalhadores no processo de produção e agroindustrialização de aves e compreender as relações trabalhistas e sociais que se estabelece tanto na empresa responsável pela contratação dos trabalhadores como também na Unidade Industrial de Aves Copagril, toma-se como pressuposto teórico o materialismo histórico.

No processo de desenvolvimento deste trabalho, utiliza-se como fonte o periódico local *O Presente Rural* e nove entrevistas orais realizadas com os trabalhadores sujeitos da pesquisa, nas quais se buscou estabelecer um diálogo, procurando, por meio de seus relatos, compreender a organização do trabalho (as dinâmicas, rotinas, ritmos do trabalho) e as trajetórias ocupacionais dos mesmos.

Para auxiliar no processo de interpretação da fonte oral bem como compreender as propriedades específicas que essa apresenta, como a subjetividade, o enredo, a memória, dentre outros, foram realizadas leituras de obras de Yara Aun Khoury<sup>3</sup> e Alessandro Portelli<sup>4</sup>, além de outros autores.

Quanto à realização das entrevistas, essas foram efetivadas nas residências dos trabalhadores, aos sábados, uma vez que nesse dia da semana eles, geralmente, não trabalham — com exceção das semanas em que há feriados. Obtive maior facilidade para realizar as entrevistas no distrito de Bom Jardim, lugar onde resido. Eu conhecia alguns trabalhadores, mas nunca havia estabelecido contato com eles, ou qualquer conversa que fizesse referência ao ambiente de trabalho ou à vida cotidiana deles.

Na cidade de Marechal Cândido Rondon há aproximadamente 65 trabalhadores prestando serviços para a empresa responsável pela terceirização dos serviços de apanhamento e carregamento de aves à Copagril. Esses estariam divididos em cinco equipes, cada qual com oito pegadores de frango, quatro batedores de caixa e um funcionário que exerce a função de motorista e chefe da equipe.

Encontrei algumas dificuldades em localizar os trabalhadores residentes em Marechal Cândido Rondon, sendo possível entrevistar apenas três funcionários residentes

---

<sup>3</sup> KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

<sup>4</sup> PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, n°14. p.25-39, EDUC/PUC, fev. 1997.

no Jardim Alvorada. Por conta da entrevista que me propus a fazer, passei a conhecer não somente os entrevistados, mas também alguns integrantes de suas famílias. Assim, dentre as entrevistas realizadas cinco delas foram com moradores do distrito de Bom Jardim, uma no distrito Iguiporã e três com trabalhadores residentes no Jardim Alvorada, bairro de Marechal Cândido Rondon.

A efetivação das entrevistas foi um desafio, pois precisamos estabelecer um diálogo relevante com o entrevistado, além de constituir uma relação de confiança com o mesmo, para que narre seu trabalho, jornada diária, enfim, tudo o que envolve o ambiente de trabalho e sua vida cotidiana. Segundo Yara Aun Khoury, “as entrevistas orais não se fazem com técnica e sim com relação humana, conseguir relação de troca na entrevista não é tão fácil”<sup>5</sup>. Antes da realização da entrevista é sempre necessário estabelecer um contato inicial.

Em determinados momentos da produção das fontes orais, vivenciei este desafio de tentar obter uma relação próxima com o entrevistado, mas de fato isso não é algo fácil, uma vez que não tive nenhum contato anterior com algumas dessas pessoas. Procurei estratégias para estabelecer e manter contato com eles para que fosse possível a realização da entrevista.

Para o tratamento da fonte oral ou a sua interpretação, é necessário considerar as propriedades específicas do material, como por exemplo, os procedimentos narrativos e simbólicos. Ao narrar e construir a sua narrativa, o sujeito relata sua versão e escolhe a forma e o gênero de condução da narrativa, em que enfatiza eventos em detrimento de outros, demonstrando assim o que ele julga importante e que quer nos repassar. Segundo Khoury<sup>6</sup>, é por meio do diálogo com as pessoas que conseguimos observar os modos como elas lidam com o passado e como ele está relacionado ao presente, enquanto valores e referências. Assim, há todo um processo de construção da memória.

Segundo Alessandro Portelli, o entrevistado, ao construir a narrativa, compartilha suas experiências, mas pode haver também silêncios e distorções, os quais estão carregados de significados. Assim, ao narrar, o entrevistado expressa um sentido atribuído ao vivido,

---

<sup>5</sup> KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p.32.

<sup>6</sup> Idem, *Ibidem*.

demonstrando também seus posicionamentos, seu conhecimento, suas experiências vividas e compartilhadas no social<sup>7</sup>.

Após a realização das entrevistas, a terceira etapa do trabalho com as fontes orais passa a ser a transcrição. É nesse momento que transformamos a fonte oral em “fonte escrita”. Além da pontuação inserida, transformando a oralidade em escrita, nessa etapa, busquei transcrever justamente o que fora dito, conforme os trabalhadores relataram. Ao realizar a transcrição, temos que ficar atentos à oralidade, às pausas realizadas, aos silêncios, enfim. De acordo com Portelli, a oralidade se constitui em algo que faz parte da narrativa, e nela podemos presenciar a forma como o sujeito está constituindo sua narrativa<sup>8</sup>.

Além dos inúmeros significados presentes, as falas expressam também modos culturais. Muitas vezes, luta-se pela permanência de determinada cultura, assim compreendida como luta de classes. Cultura como costume, mas também como campo de luta, o que ainda ocorre com a memória, já que muitas memórias são alvo de disputa. Fazendo referência à obra de E. P. Thompson, a cultura pode ser considerada como modo de vida e de luta<sup>9</sup>. Os diversos trabalhadores, seja os pegadores de frango, batedores de caixa, trabalhadores avicultores ou ainda trabalhadores do abate, são sujeitos históricos, e no falar expressam também traços culturais, as experiências cotidianas e de trabalho – os modos de viver.

A memória é algo que não se pode evitar e, segundo Yara Aun Khoury, memória e história se cruzam. A história é um processo que, além de estar em constante mudança, o seu sentido é disputado, e assim também ocorre com a memória. Ou seja, são distintos, mas interligados. Tanto memória quanto história são campos de muitas e diversas lutas sociais<sup>10</sup>.

A subjetividade também se constitui em propriedade da fonte e se faz presente no relato quando o entrevistado atribui significados à experiência vivida. Segundo Alessandro Portelli, a motivação para narrar consiste em expressar o significado da experiência através

---

<sup>7</sup> PORTELLI. A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, nº14. p.25-39, EDUC/PUC, fev. 1997.

<sup>8</sup> PORTELLI. A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes Oraís. **Tempo**. Rio de Janeiro. v. 1 nº2, 1996.

<sup>9</sup> THOMPSON. E. P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

<sup>10</sup> KHOURY, Y. A Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

dos fatos que, ao serem recordados e narrados, são também interpretados<sup>11</sup>. A subjetividade é a atribuição de significados, e também são mais do que fatos vistos, são processos de visão e de interpretação. Vale ressaltar que além da subjetividade do entrevistado há também a nossa subjetividade, principalmente ao interpretar o relato. Além do mais, a subjetividade evidencia que ao narrar os sujeitos interpretam a realidade vivida e constroem enredos a partir do seu próprio ponto de vista.

De acordo com Alessandro Portelli:

[...] o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico<sup>12</sup>.

Ao narrar sobre o vivido, são atribuídos significados. Os trabalhadores são sujeitos ativos na construção do seu devir histórico e não os entendemos como sujeitos deslocados dos conflitos e contradições.

Com o processo de realização das entrevistas, foi possível adentrar ao universo da vida social destes sujeitos que compartilharam suas experiências de vida e de trabalho.

Além das entrevistas orais utilizadas como fonte, se constitui em objeto da pesquisa matérias publicadas pelo Jornal *O Presente Rural*. A base cronológica desse estudo, no que se refere às matérias do jornal, é datada de maio de 2008 a dezembro de 2012. Ressalta-se que a primeira publicação disponibilizada na *internet* é do ano de 2008.

Antes da realização da análise do periódico *O Presente Rural* foram realizadas leituras de bibliografia referente à imprensa. A realização dessa etapa contribuiu para a escolha das matérias utilizadas na pesquisa. Além disso, auxiliou a compreender que “ler um jornal não é tão simples como parece”.

Esse aparato teórico, além de direcionar a análise do jornal, possibilitou compreender os processos de transformação ocorridos desde a instituição dos primeiros

---

<sup>11</sup> PORTELLI. A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes Oraís. **Tempo**. Rio de Janeiro. v. 1 n°2, p.60, 1996.

<sup>12</sup> PORTELLI. A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, n°14. p.33, EDUC/PUC, fev. 1997.

jornais até a imprensa atual, a qual é utilizada na busca de informações do que ocorre, diariamente, no Brasil e no mundo<sup>13</sup>.

A imprensa que muitas vezes recorremos em busca de informações diárias em nossa cidade, até mesmo em busca de notícias internacionais, encontra-se disponível, atualmente, através de inúmeros meios de comunicação, possibilitando o acesso à informação pelo celular, computador, *tablet*, jornais e revistas, dentre outros meios disponíveis.

Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto relatam que, atualmente, a imprensa se faz presente nas diferentes áreas de pesquisa e ensino, sendo tratada não somente como fonte, mas também como objeto de pesquisa. No entanto, vale ressaltar que em outros tempos a imprensa era utilizada com cautela, pois oferecia pouca credibilidade<sup>14</sup>. As autoras enfatizam ainda que a utilização da imprensa como fonte é recente e que também vem crescendo constantemente seu uso como objeto de análise crítica.

Contudo, o acesso à informação nem sempre foi fácil. Houve inúmeras mudanças até chegar ao que temos hoje. A imprensa passou a “tornar público, lido e também visto, um universo antes restrito à vivência local, ao relato de memorialistas, constituiu-se como parte importante da prática de construir o mundo segundo suas escolhas”<sup>15</sup>. Ela passou a fazer parte do universo das pessoas e também a ser um dos principais meios de informação, como bem retrata Marta Emisia Jacinto Barbosa, antes restrito a memorialistas.

O telégrafo elétrico, mencionado por Laura Antunes Maciel, se constitui na primeira tecnologia de informação utilizada em rede mundial. E influenciou no ritmo da difusão de informação, assim como interferiu na construção da notícia. Além disso, Laura Antunes Maciel traz informações relevantes para se compreender como era a imprensa em fins do

---

<sup>13</sup> A imprensa fora instituída em 1440 por Gutenberg. No entanto no Brasil teve-se acesso a impressão apenas no início do século XIX, quando foi instituído a Imprensa Régia. Heloísa de Faria Cruz menciona que “existe uma marcação do tempo na qual a vinda da família real e, com ela, da imprensa, transforma-se em marco fundante da civilização, da indústria, da cultura e da independência intelectual da nação”. A autora relata que 1808 é lembrado como um marco e assim apagam-se disputas e lutas anteriores, fazendo com a história da imprensa brasileira comece somente a partir de 1808. Vale ressaltar que no Brasil oitocentista o acesso ao jornal não era algo para todos já que grande parte da população era escrava e muitos destes não tinham domínio da leitura. Cf. CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C; Na oficina do historiador: conversas sobre imprensa e história. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 254, 2007.

<sup>14</sup> CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C; Na oficina do historiador: conversas sobre imprensa e história. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 254, 2007.

<sup>15</sup> BARBOSA, M. E. J. Os Famintos do Ceará. In: FENELON, D. etd. Alli. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D' água, 2004, p.99.



século XIX e início do século XX, bem como as alterações que já estavam ocorrendo nos anos finais do século XIX, como a busca em tornar os jornais diários cariocas em grandes e lucrativas empresas, vendendo informações assim como se vendia “qualquer outra mercadoria”<sup>16</sup>. A imprensa busca “vender” suas informações ao público leitor da mesma maneira que qualquer outra empresa vende seus produtos aos consumidores.

Há também outros elementos que devem ser analisados em um periódico, como por exemplo, observar a produção e circulação desses materiais, bem como os procedimentos (formas de escrever, narrar e apresentar o texto) utilizados<sup>17</sup>. Laura Antunes Maciel faz referência à importância de se analisar a imprensa enquanto fonte e buscar compreender não somente o que está exposto, mas também o silêncio, muitas vezes, presente nas entrelinhas. Faz-se necessário, ainda, observar a informação dada não apenas como uma versão verídica sobre o acontecido, mas como um ponto de vista entre outras possíveis. Quanto à apresentação de imagens em jornais, não era uma prática comum, segundo Marta Emisia Jacinto Barbosa, no final do século XIX. “Ao longo do tempo o registro fotográfico passou a ser importante para completar e dar credibilidade a notícia”<sup>18</sup>.

As imagens de *O Presente Rural* também foram analisadas, procurando observar suas implicações, bem como a relação com a matéria em questão. Embora grande parte das imagens possua como “sujeito principal” os animais (aves, bovinos, peixes, suínos), há algumas em que são retratados seres humanos. No entanto, em ambos os casos (seja retratando animal ou ser humano) as cenas foram registradas por uma pessoa de carne e osso e essa não o faz de forma aleatória e sim planejada, como um modo a narrar, informar e retratar uma determinada história. As imagens presentes em um periódico são importantes já que

Quando tais imagens foram feitas obedeceram a um percurso e a um procedimento de produção. Objetivos foram definidos para sua realização, pois não se deram aleatoriamente ao acaso, foram pensadas, escolhidas segundo os interesses que circundavam a ação de fotografar<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> MACIEL, L. A. Produzindo notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo imprensa - 1880/1920. In: FENELON, D. et. Alli. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D' água, 2004, p.30.

<sup>17</sup> Idem, Ibidem, p.20

<sup>18</sup> BARBOSA, M. E. J. Os Famintos do Ceará. In: FENELON, D. et. Alli. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D' água, 2004, p.104.

<sup>19</sup> Idem, Ibidem, p.98.

Além da importância destas formas não verbalizadas de texto, os jornais selecionam e determinam o que é para ser lembrado e o que é para ser esquecido, tornando-se assim “senhores da memória”<sup>20</sup>. Em outras palavras, é por meio do repasse de informações e notícias que os jornais enfatizam uma memória hegemônica sobre determinado fato ou notícia.

Os jornais e revistas buscam, com suas publicações, informar o público leitor e não se transformar em fonte histórica. Fazer deles material de pesquisa é uma escolha do historiador. Quanto à imprensa:

[...] é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe<sup>21</sup>.

A análise de imprensa constitui-se, em um primeiro momento, na identificação do periódico, como título e subtítulo. São as informações iniciais e de grande importância, já que este processo inicial de identificação pode nos fornecer inúmeras pistas sobre a proposta geral da publicação. “Títulos e subtítulos funcionam como manchetes, primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais”<sup>22</sup>. Além do mais, deve-se considerar a imprensa enquanto documento. “Todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui”<sup>23</sup>.

As edições analisadas, em um primeiro momento, eram pertencentes apenas ao Caderno da Avicultura, suplemento *O Presente Rural*, publicado pelo periódico local *O Presente*. O título do periódico remete ao público de destino, que são os proprietários de terras e avicultores do meio rural de Marechal Cândido Rondon e demais regiões de circulação do material. O jornal assume uma posição em defesa do homem do campo e do agronegócio e se diz defensor do “desenvolvimento econômico” do meio rural.

<sup>20</sup> CRUZ. H. F. No avesso das comemorações: Memória, Historiografia e o Bicentenário da Imprensa. **História & Perspectivas**. Uberlândia. Jul. Dez. 2008.

<sup>21</sup> CRUZ. H. F; PEIXOTO, M. R. C; Na oficina do historiador: conversas sobre imprensa e história. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 261, 2007.

<sup>22</sup> Idem, Ibidem, p.262.

<sup>23</sup> Idem, Ibidem, p. 257.

Ao pesquisar como são retratados “Trabalho e Trabalhadores” no periódico, procurei verificar matérias dos demais cadernos, já que o jornal não publica apenas Cadernos especiais de Aves, mas também cadernos voltados à suinocultura, bovinocultura de corte, pecuária leiteira, maquinários, grãos e recentemente vem publicando cadernos voltados à piscicultura. Assim, o periódico é composto por edições especiais que estão relacionadas às atividades rurais regionais, abrangendo a suinocultura, a produção de leite e a atividade avícola.

Entre as edições analisadas, procurei perceber como se dão as relações entre as cooperativas e empresas do ramo avícola e o periódico. O que chamou a atenção foi o fato de as agroindustriais Lar, Coopavel, C.Vale e Copagril possuírem destaque nas páginas do material. Essas empresas ganham predominância nas matérias, e a opinião de presidentes e técnicos das mesmas se fazem presentes, regularmente, nas edições.

Além do mais, são estampados, nas matérias, os resultados econômicos da atividade avícola, os números das exportações, os “avanços” da atividade, as adequações aos padrões internacionais para atender o mercado externo, enfim, exibem também “seus” extraordinários lucros. Porém, há um silêncio sobre os trabalhadores responsáveis pela produção, pois não se mostra como eles produzem, quais as condições de trabalho ou se conseguem viver bem com os “frutos” desse trabalho.

Embora constatada a presença destas cooperativas e de inúmeras edições sobre a atividade avícola, é ausente das publicações a atividade realizada pelos trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa, comumente denominados “graxains”. Nas análises do material, foi possível identificar apenas duas fotografias: uma no Caderno da Avicultura, edição de fevereiro de 2010 e outra na edição de 30 de julho de 2012, do jornal *O Presente*. Nesse último, aparece, no quadro policial da edição de 16 de agosto de 2011, a notícia da morte de um rapaz que trabalhava como “graxaim” em Marechal Cândido Rondon. Nada além de notícias e fotos é relatado sobre esses trabalhadores, assim como nada se fala sobre o trabalho que realizam e sua relevância.

Atualmente, além do material impresso, a imprensa disponibiliza arquivos digitalizados na *internet*<sup>24</sup>. Além disso, com o material disponível na rede, é possível que inúmeros leitores de diferentes regiões tenham acesso ao conteúdo.

Quanto à justificativa do lançamento do site do periódico *O Presente Rural*, coloca-se que se constitui em “um reconhecimento de *O Presente Rural* a potencialidade do agronegócio e também uma forma de colaborar com a divulgação e o desenvolvimento do setor”<sup>25</sup>. O periódico procura divulgar a reportagem e, ao disponibilizá-lo na internet, objetiva atingir um público de diversas regiões e até mesmo internacional, já que, por vezes, há publicações de reportagens traduzidas para o espanhol.

A presente pesquisa encontra-se dividida em dois capítulos. No primeiro, serão apresentados resultados das análises de algumas reportagens de *O Presente Rural*. Primeiramente, é apresentado como o periódico se refere à Cooperativa Agroindustrial Copagril. Em seguida, são analisados os suplementos da avicultura no jornal, uma vez que o periódico é um meio de divulgação de produtos e utensílios de uso avícola. Além disso, grande parte dos produtos divulgados é de fabricação de grandes empresas do ramo de nutrição animal.

Foi analisado, também, o modo como o jornal apresenta a crise ocorrida nos Estados Unidos e seus efeitos na atividade avícola do Brasil. Ao finalizar a discussão do primeiro capítulo, é feita uma análise do posicionamento do periódico ao fazer referência à classe trabalhadora. O material enfatiza que “falta mão de obra no campo”, não somente em uma reportagem, mas em várias. A imprensa justifica a terceirização no campo e deixa de mostrar reais condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores, como também tenta justificar a alta rotatividade. Ao realizar análise do Caderno de Aves, houve indícios de que o avicultor marcaria presença nas reportagens. No entanto, constatou-se que a fala do

---

<sup>24</sup> *O Presente Rural* é disponível tanto impresso como online através do endereço: [www.opresenterural.com.br](http://www.opresenterural.com.br). Na página da internet é possível ter acesso a matérias diárias sobre o agronegócio como também acesso aos cadernos lançados tanto recentemente como também os cadernos mais antigos. Além disso, onde o produtor, as empresas, e todos interessados poderão encontrar notícias do agronegócio, os jornais na íntegra, cotações de mercado, artigos técnicos entre outros. O enunciado menciona os interessados sendo os produtores em primeiro lugar e em segundo as empresas. Além disso, no site de *O Presente Rural* as empresas possuem o “Espaço Empresarial” especialmente para inúmeras empresas que se fazem presente nas páginas do periódico.

<sup>25</sup> O PRESENTE. Especial Suínos. Suinocultura em destaque. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon. Setembro 2008. p.17. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=7&i=125>> acessado em: 02, fev, 2013.

avicultor, sujeito de grande importância para a atividade avícola, aparece pouco nas páginas do material analisado.

No segundo capítulo, são expostas as narrativas dos trabalhadores batedores de caixa e pegadores de frango, obtidas por meio da realização de nove entrevistas. Através da fala dos trabalhadores foi possível tomar conhecimento de inúmeras irregularidades cometidas pela empresa que os contrata. Dentre essas está o fato de todos os nove entrevistados narrar que por algum tempo prestaram serviços à empresa sem a carteira assinada. Outros problemas encontrados são relativos à falta de transporte adequado, ao não fornecimento de alimentação, de uniforme e de equipamentos de proteção individual (IPI).

## CAPÍTULO I

### AGROINDÚSTRIA DE AVES E RELAÇÕES DE TRABALHO A PARTIR DE *O PRESENTE RURAL* (2008-2012)

Neste capítulo da pesquisa, problematizo o processo de construção da memória hegemônica sobre o processo de agroindustrialização que vem ocorrendo no Oeste do Paraná. Assim, procurei analisar o periódico *O Presente Rural* enfatizando as relações entre as cooperativas, as empresas do ramo avícola e o próprio material. Além disso, a partir do momento em que a imprensa fornece espaço para reportagens sobre “cooperativas”, justifica que o informativo é em defesa do agronegócio, visto que se referem às “cooperativas” como importantes para o desenvolvimento econômico e social da região Oeste do Paraná.

Além de constantes menções à Copagril na imprensa, essa empresa conta também com outros meios que auxiliam na divulgação de suas atividades e produtos, como programas de rádio e revistas. No processo de construção de uma imagem positiva da “cooperativa”, se utilizam desses meios de comunicação para passar a imagem de uma cooperativa que se preocupa com seus associados, avicultores, ou ainda visualizada como “amiga do homem do campo”.

As cooperativas agroindustriais tomam o espaço da cidade e do campo não somente no município da pesquisa em questão, como também em diversas regiões do Brasil. Marechal Cândido Rondon, região Oeste do estado do Paraná, é um município marcado pela presença de agroindústrias. Essas se utilizam da justificativa de agregar valor a produção agropecuária e são responsáveis pela agroindustrialização de inúmeros produtos do campo. Foi com esse intuito que, na década de 1970, se instalou a Cooperativa Agroindustrial Copagril na região.

Segundo Irma Storti<sup>26</sup>, essa cooperativa, assim como as demais existentes, está inserida no sistema capitalista e comercializa inúmeros produtos. Ressalta-se, inclusive, que os associados constituem grande parte dos clientes da “cooperativa”.

---

<sup>26</sup> Irma Storti, em sua dissertação de mestrado em geografia, se propõe a pesquisar os avicultores vinculados à Cooperativa Agroindustrial Copagril, com sede em Marechal Cândido Rondon/PR. Retrata as estratégias de existência “camponesa” destes avicultores, que, segundo a autora, a avicultura caracteriza-se por ser uma atividade de expansão das relações capitalistas. Ressalta também que se faz presente na avicultura relações

Desde sua criação, em 1970, a Copagril foi se instituindo no município com o aumento do número de associados, atuando também na venda de produtos veterinários, postos de combustíveis, supermercados, fábrica própria de rações e no recebimento e venda de produtos provenientes do campo. E, a partir de 2005, passou a ter a Unidade Industrial de Aves Copagril. Com isso, a empresa estimulou a avicultura em Marechal Cândido Rondon, e muitos avicultores optaram pela entrega da produção para a Copagril, que antes era feita para a Sadia.

Tanto a pesquisa de Irma Storti<sup>27</sup>, relativa à Cooperativa Copagril, como também o trabalho sobre a Cooperativa Agroindustrial Lar, investigado por Marilucia Ben<sup>28</sup>, e a pesquisa de Diane Belluso<sup>29</sup> sobre o processo de integração dos avicultores às cooperativas do Oeste do Paraná, retratam o processo de agroindustrialização e mencionam as alterações ocorridas na constituição das cooperativas, que embora seja denominado como cooperativa, não possuem princípios originais do cooperativismo.

Em inúmeras reportagens de *O Presente Rural*<sup>30</sup> é destacada a Cooperativa Agroindustrial Copagril ou representantes dessa, tais como técnicos, médicos veterinários ou dirigentes como o presidente.

Na primeira edição de *O Presente Rural*, são fortes as referências às Cooperativas Agroindustriais Lar, C. Vale, Copagril, Coopavel e empresas como Sadia e Globoaves. Em

---

não-capitalistas para que a mesma possa se expandir, como, por exemplo, “mão de obra familiar, ajuda mútua, produção de subsistência em hortas, troca de favores, dívida moral, solidariedade, e costumes”. A autora aborda e considera-as como atividade de estratégia entre os avicultores. Enfim, analisa a expansão do capitalismo no campo por meio da avicultura e procura mostrar as relações entre os trabalhadores avicultores e a Copagril.

<sup>27</sup> STORTI, I. As Estratégias de existência camponesa entre os agricultores vinculados à Copagril. 2010 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão.

<sup>28</sup> BEN, M. Os “nós” da territorialização da Cooperativa Agroindustrial Lar no Oeste paranaense. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2011.

<sup>29</sup> BELUSSO, D. A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2010.

<sup>30</sup> O periódico *O Presente Rural* tem circulação em 08 estados, e circulação dirigida em 04. Circulação: Bahia, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo. Com circulação direcionada: Maranhão, Ceará, Goiás e São Paulo. O periódico teve sua primeira publicação em maio de 2008. O suplemento *O Presente Rural*, publicado pelo periódico local *O Presente*, publica edições especiais voltados para as atividades rurais regionais, como, por exemplo, cadernos voltados à suinocultura, produção de leite, lavoura e produção de grãos, e a atividade avícola.

demais edições também são citadas reportagens sobre o mercado avícola e outros assuntos envolvendo o agronegócio.

Uma das primeiras reportagens que merece ser destacada é a publicada no *Caderno da Avicultura*, edição maio de 2008<sup>31</sup> — o primeiro caderno informativo publicado pelo *O Presente Rural*. Em 2008, completavam-se três anos de instalação do frigorífico de Aves Copagril em Marechal Cândido Rondon, trazendo como título de capa do caderno avícola, a “Atividade em Ascensão”. Nesta primeira edição, tanto Copagril como demais empresas são indicadas como responsáveis pelo considerável aumento na produção e abate de aves. O editorial é finalizado indicando que a atividade é uma ótima opção para o produtor rural não depender apenas de um trabalho voltado para a lavoura de grãos<sup>32</sup>. A imagem que o editorial procura construir é de uma atividade nova e que vem dando certo na região ou, como é apontado, que vem gerando “frutos”.

Ressalto que, ao longo de todas as edições, a atividade avícola é citada como uma atividade lucrativa, e que ano após ano cresce cada vez mais. Entretanto, aparecem apenas entrevistas com presidentes das agroindústrias, dos técnicos ou médicos veterinários dessas mesmas empresas, ao mesmo tempo em que percebemos a ausência do ponto de vista ou relatos dos próprios avicultores. O *Caderno da Avicultura* é voltado, de maneira específica, para o leitor avicultor, entretanto, o principal sujeito não está presente. Ainda na mesma edição há uma matéria denominada “Oeste mantém ritmo de crescimento no setor avícola”, cuja reportagem é incrementada com entrevistas de presidentes da Copagril, da Agroindustria Lar e da Coopavel<sup>33</sup>. Não apenas nessa edição, como nas demais, tanto as cooperativas ou eventos e acontecimentos relacionados a elas são destacados no caderno. Na matéria referente às projeções futuras da atividade avícola, aparece como componente principal as empresas e cooperativas e não a palavra do avicultor.

---

<sup>31</sup> O PRESENTE. Caderno da Avicultura. Atividade em Ascensão. **O Presente Rural**. Especial Aves. Marechal Cândido Rondon PR. Maio 2008. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=4&i=17>> acessado em: 07, jan, 2013.

<sup>32</sup> O PRESENTE. Caderno da Avicultura. Atividade em Ascensão. **O Presente Rural**. Especial Aves. Marechal Cândido Rondon PR. Maio 2008. p. 06, 07 Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=4&i=22>> acessado em: 07, jan, 2013.

<sup>33</sup> Idem. *Ibidem*, p.07.



Ainda no ano de 2008, na edição de novembro<sup>34</sup>, cuja reportagem intitulada “Integração Lavoura avicultura reduz gastos do produtor” enfatiza a importância da utilização da cama do aviário como adubo na lavoura e para dar credibilidade à matéria, faz-se uso da fala de um estudante de agronomia que pesquisou em seu TCC a influência do adubo na produção. O aluno garante que, por meio de seus estudos, é extremamente vantajoso o uso da cama do aviário<sup>35</sup> em lavouras. Há também o depoimento de um produtor proprietário de 80 alqueires de terra e também avicultor — talvez o único “avicultor” nas páginas do periódico. A matéria em si procura demonstrar o quanto a atividade se torna “lucrativa” para o avicultor, principalmente aos que tem lavoura, uma vez que esses não necessitam comprar adubo, podendo utilizar a cama de seus aviários.

Além disso, a reportagem tem como principal intuito demonstrar o quanto ambas atividades, a lavoura e a avicultura, de certo modo se completam, induzindo o agricultor a investir na atividade avícola, pois o adubo proveniente da cama do aviário não somente pode ser utilizado na lavoura como também comercializado, visto que a reportagem indica uma empresa que realiza a compra de cama de aviário de alguns avicultores.

No entanto, faltam maiores informações na reportagem, como por exemplo, o custo de uma “cama de aviário” que o avicultor precisa comprar ou realizar a troca da maravalha, custo que é o avicultor quem paga. Rosane Toebe Zen<sup>36</sup> avalia em 2009 que a despesa com a maravalha é alta:

Quanto à forração do piso: segundo informações prestadas por E14, em julho de 2008 a maravalha para a forração de dois aviários custou R\$ 4.40 (quatro mil e quatrocentos reais), referentes a 4 (quatro) cargas. Este material é reaproveitado por duas razões: primeiro, pelo seu elevado custo, pois como indica E14, a reposição deste material a cada lote tornaria a atividade inviável; segundo, porque depois de reutilizado por 6 a 8 lotes, esta forração acumula grande quantidade de estrume, e é então vendido como adubo, recurso este que auxilia na compra da nova

<sup>34</sup> O PRESENTE. Especial Aves e Grãos. Integração Lavoura e Avicultura reduz gastos do produtor. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon. PR. Novembro/2008, p.10. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=8&i=156>> Acessado em 08/01/2012

<sup>35</sup> A cama de aviário é o material constituído pelas dejeções e penas de galináceos, restos de rações e pelo material orgânico absorvente da umidade usado sobre o piso do galpão (cepilho de madeira ou maravalha, palhas, cascas). Durante o ciclo de produção, as dejeções dos animais são misturadas ao material usado como substrato, e no final do ciclo, temos a cama de aviário que pode ser retirada ou reaproveitada no lote seguinte.

<sup>36</sup>ZEN, R. T. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A: Controles, mediações e autonomia**. 2009. 142 f. - Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, 2009.

forração. A cada novo lote o avicultor precisa adicionar uma camada (meia carga) de maravalha limpa para a acomodação das aves, o que no decorrer de 6 a 8 lotes representa o custo adicional de R\$ 3.300,00 a 4.400,00 (três mil e trezentos a quatro mil e quatrocentos reais). Portanto, ao final de, por exemplo, 6 (seis) lotes, o avicultor gasta R\$ 7.700,00 somente com a forração<sup>37</sup>.

Conforme Rosane Toebe Zen, a renda que se obtém com a venda da maravalha auxilia na compra de uma nova. Contudo, não oferece grande “lucro” ao avicultor, como é exaltado na reportagem de *O Presente Rural*<sup>38</sup>. Na mesma reportagem de 2008 é exposto o valor que o avicultor ganharia vendendo a cama do aviário, mas se for calcular o ganho com a cama, resultaria em torno de R\$ 10.200,00 (dez mil e duzentos reais), tendo em vista os dados da reportagem. Segundo Rosane Toebe Zen, as despesas que o avicultor tem com a cama é em torno de R\$ 7.700,00. Se ele vendê-la do aviário sobrarão apenas dois mil e trezentos reais para adquirir uma nova cama aviária, ou seja, paga o custo de uma apenas, não sobrando grande quantia de dinheiro para adquirir uma nova maravalha. Assim, o que se ganha com a atividade avícola acaba sendo reinvestido na produção.

Além da matéria citada anteriormente, que enfatiza as “vantagens” de ser avicultor, há muitas outras que tem como principal intuito orientar o avicultor na atividade que ele exerce diariamente. Um exemplo disso é a edição especial de aves de fevereiro de 2009, intitulada “O assunto é Biossegurança”<sup>39</sup>. Essa edição é composta por inúmeras reportagens técnicas, ressaltando a importância da qualidade da água a ser ingerida pelas aves, a iluminação adequada, a limpeza de comedouros e bebedouros, como também mostra como deve ser a limpeza da caixa de água e de demais utensílios. Segundo as reportagens, são inúmeros os cuidados necessários para garantir resultados na produção.

O avicultor tem a instalação do aviário em sua propriedade, mas muito de seu trabalho é ditado pela agroindústria. O controle da cooperativa sobre a produção do avicultor acontece de inúmeras formas, como por exemplo, por meio do controle dos

---

<sup>37</sup> ZEN, R. T. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A: Controles, mediações e autonomia**. 2009. 142 f. - Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, 2009, p.56.

<sup>38</sup> O PRESENTE. Especial Aves e Grãos. Integração Lavoura e Avicultura reduz gastos do produtor. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon. PR. p. 10, Novembro/2008. Disponível em: < <http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=8&i=156> > Acessado em 08/01/2012

<sup>39</sup> O PRESENTE. Especial Aves. O assunto é biossegurança. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon PR. Fevereiro 2009. Disponível em:< <http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=11> > acessado em: 15, jan, 2013.

investimentos com incentivos financeiros, com o preenchimento de fichas técnicas e a assistência técnica, que cumprem o contraditório papel de orientar o produtor, ao mesmo tempo em que controla a produção.

Essas orientações técnicas publicadas no *O Presente Rural*, assim que repassadas, são utilizadas como meio de fazer com que o associado ou integrado passe a realizar as tarefas do modo como a cooperativa ou os técnicos querem, não oferecendo, dessa maneira, uma autonomia maior na atividade que os trabalhadores exercem diariamente.

O avicultor é orientado a preencher inúmeras fichas constatando o controle de ração consumida, o controle de vacinação e pesagem. Ele também anota, diariamente, a mortalidade das aves e o controle do consumo de água. Muitas são as exigências impostas pela agroindústria, pois é através delas que a empresa tem controle do trabalho realizado.

Além do espaço, em *O Presente Rural*, onde os técnicos da Copagril publicam reportagens orientando o avicultor, a Copagril mantém programas de rádio diariamente em Marechal Cândido Rondon, nos quais também são realizadas entrevistas com técnicos, levantando questões que remetem tanto à saúde dos animais (aves, suínos e gado) quanto a assuntos relativos à lavoura.

Quanto ao avicultor, as reportagens informativas são realizadas somente com intuito de controlar o modo de produção desenvolvido no aviário e que é realizado pelo avicultor. Como foi constatado por Rosane Toebe Zen<sup>40</sup>, o aprendizado da atividade avícola dispensaria a escola como instituição mediadora do processo, tendo em vista que o agricultor torna-se avicultor no processo de trabalho que se submete.

Na edição Especial de Aves de fevereiro de 2010<sup>41</sup>, na matéria “Mesmo com dificuldade Avicultura deve ter recuperação”, tem-se presente novamente a palavra de diretores da C. Vale, da Coopavel e da Copagril. O discurso vai de encontro aos desafios do setor avícola em 2009, que deveria ter sido melhor naquele ano. Em geral, os presidentes das cooperativas afirmam otimismo para 2010. Além da constante menção a essas

---

<sup>40</sup> ZEN, R. T. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A: Controles, mediações e autonomia.** 2009. 142 f. - Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, 2009.

<sup>41</sup> O PRESENTE. Caderno da Avicultura. Mesmo com dificuldade Avicultura deve ter recuperação. **O Presente Rural.** Especial Aves. Marechal Cândido Rondon. Fevereiro. 2010. p.07 Disponível em: < <http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=21&i=552> > Acessado em: 15 jan. 2013

cooperativas, há também, na capa dos cadernos da Avicultura, o símbolo do SindiaVIPAR (Sindicato das indústrias de produtos avícolas do Estado do Paraná).

É constante a presença de entrevistas com o presidente da Copagril, Ricardo Chapla, em reportagens sobre o mercado avícola. Há também espaço para fala de médicos veterinários da mesma cooperativa, os quais “contribuem” nos artigos técnicos publicados. Entre esses, resalto o artigo sobre calo da pata, do caderno de aves, edição de agosto de 2009<sup>42</sup>. Na matéria há menções quanto as cobranças da Copagril no que se refere ao calo da pata nas aves:

[...] nos lotes de integrados da Copagril, a incidência é de 10% de calo da pata. Contudo o ideal é que este índice não chegue a 5%. A empresa não tem descontado do produtor, quando da presença do calo nas aves, mas Adrian Fernandes alerta, que conforme o sistema vai ampliando, e o produtor vai se profissionalizando e aperfeiçoando, é uma tendência natural qua a cobrança quanto a isso se torne mais rígida a exemplo de outras empresas”<sup>43</sup>.

Em seguida, o médico segue indicando maneiras de se evitar a incidência dessa doença. E por fim, menciona um produtor como exemplo a ser seguido, visto que esse conseguiu reduzir a incidência de calos de patas nas aves. Este é um entre muitos outros artigos que buscam fazer com que o avicultor, no processo de produção do frango, fique atento ao calo da pata, ou então ele pode ter desconto pela ocorrência de tal doença. Esses artigos técnicos se constituem também em aspecto de influência ao trabalho do avicultor, tendo em vista que por meio dessas matérias é exposta a forma como devem ser realizadas as atividades.

No periódico, percebe-se também as indicações econômicas ao tratar sobre assuntos “inovadores” como o abate halal na edição de setembro/outubro de 2011<sup>44</sup>. O abate halal é indicado no editorial como um diferencial brasileiro, destacando a Cooperativa Agroindustrial Copagril, uma vez que essa formou sua própria equipe de

---

<sup>42</sup> O PRESENTE. Calo da Pata: Incomodo para a ave e prejuízo ao produtor e à indústria. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon. Agosto de 2009. P. 14, 15. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=16&i=399>> acessado em: 05, jan, 2013.

<sup>43</sup> Idem, Ibidem, p.14

<sup>44</sup> O PRESENTE. Frigoríficos inovam para atender exigência de produtos Halal. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon. Setembro Outubro, 2011. P.06, 07. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=43&i=1285>> Acessado em: 05, jan, 2013.

sangradores. Na mesma edição setembro/outubro de 2011, na matéria “Frigoríficos inovam para atender exigências de produtos halal”, há a opinião do gerente comercial da Copagril, bem como imagens da equipe de sangradores. A matéria em si traz dados econômicos da Copagril ao atender o mercado externo. Quanto aos trabalhadores responsáveis pelo trabalho de sangria das aves, nada consta sobre a atividade exercida por eles.

De forma geral, tanto a Copagril quanto a unidade industrial de aves são apontadas, no jornal, como importantes para o “desenvolvimento” de Marechal Cândido Rondon. Além disso, a partir do momento em que o *O Presente Rural* menciona a cooperativa como um exemplo em suas ações, possibilita a presença do nome da empresa, seja através da fala do presidente ou de técnicos. Dessa maneira, por meio de suas reportagens, o periódico “contribui” para a construção de uma imagem de cooperativa “parceira do produtor”, que o auxilia com orientações técnicas. Mas, em nenhum momento ela é tratada como uma empresa com perspectiva capitalista.

As reportagens citadas anteriormente dividem espaço com inúmeros anúncios nos cadernos de *O Presente Rural*, uma vez que esse também é um meio de divulgação de novos produtos, pois são inúmeras as páginas destinadas às propagandas relativas a produtos utilizados na atividade avícola, na suinocultura, na bovinocultura e até mesmo na lavoura.

A avicultura industrial que encontramos, atualmente, em diversas regiões do Brasil passou por um longo processo configurado pelo emprego de novas tecnologias, incluindo melhoramento genético e também o modo de produção por meio de “parceria” entre avicultor e agroindústria. Tais alterações possibilitam que com 41 dias o frango se encontre pronto para o abate. Antônio de Pádua Bosi, auxilia na compreensão das mudanças ocorridas no processo de criação de aves:

Atualmente, o peso do frango para o abate é de 2,44 kg, mas ele já foi de 2,25 kg em 2000, 1,9 kg em 1990, 1,8 kg em 1980, 1,7 kg em 1970, 1,6 kg em 1960 e de 1,5 kg em 1930. Na década de 1940, um frango ou uma galinha viviam 3,5 meses até a degola. Vinte anos depois, esse tempo foi reduzido para dois meses, até encolher à casa dos 41 dias em 2009. O índice de conversão alimentar igualmente refletiu a intensa inovação tecnológica ocorrida no setor. Resultou disso a diminuição da quantidade de ração necessária ao tempo ideal para engorda dos frangos, numa

relação que já foi de 3,5 em 1930, de 2,5 em 1950, de 2,15 em 1970, de 2,05 em 1990, chegando a 1,78 em 2009<sup>45</sup>.

As transformações ocorridas no processo de produção de aves são inúmeras, desde o implemento de tecnologias avançadas (algumas importadas dos Estados Unidos) ao melhoramento genético das aves, fazendo com que essas consumam pouco alimento, mas obtenham grande peso. Para se chegar ao modo de produção atual foram necessários o emprego de tecnologias avançadas e a aplicação de inúmeros medicamentos — alguns desses, inclusive, podem ser encontrados nas páginas de *O Presente Rural*, uma vez que a divulgação de novos produtos faz parte da organização do periódico, que certamente vende esses espaços de propaganda no interior do jornal, já que o suplemento *O Presente Rural* não é comercializado e distribuído entre os assinantes e estabelecimentos comerciais.

De forma geral, essas propagandas vendem produtos desde maquinários para uso no aviário do produtor a marcas e medicamentos que trazem maiores resultados, como por exemplo, o crescimento rápido. Ou ainda, medicamentos utilizados na prevenção e tratamento de doenças.

Por meio da matéria da edição de novembro de 2008, denominada “Avicultura Brasileira ganha enzimas para frangos de corte”, é possível conhecer o medicamento denominado ProAct, desenvolvido pela empresa DSM Produtos Nutricionais e também tomar conhecimento de como o produto age:

[...] quebrando as proteínas em pedaços ainda menores. Este processo melhora o poder de absorção dos ingredientes e ainda melhora a conversão alimentar. Com isto estimamos uma redução de 3% a 6% no custo da produção de frango vivo, seja por menor consumo de ração ou por um melhor ganho de peso<sup>46</sup>.

As reportagens, como a destacada acima, são inúmeras no periódico e é por meio delas que se divulgam os produtos, informando que há o emprego dessas e de outras substâncias na alimentação das aves. Além disso, expõe que a avicultura se constitui da combinação de tecnologias de ponta, empregadas na produção de carne de frango.

---

<sup>45</sup> BOSI, Antônio de Pádua. História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010). *Revista de História Regional*, v. 16, n. 2, p. 400-430, 2011. p. 401.

<sup>46</sup> O PRESENTE. Avicultura Brasileira ganha enzimas para frangos de corte. *Especiais Aves e Grãos. O Presente Rural*. Marechal Cândido Rondon - PR. Outubro 2008, p.05. Disponível em: <<http://www.opresenteural.com.br/lerCaderno.php?e=8&i=151>> acessado em: 07, jan, 2013

Quanto ao “consumidor”, em muitos casos, não sabe do processo de produção da carne de frango. Além disso, devemos nos questionar sobre a possibilidade de implicações à saúde do consumidor, seja a curto ou longo prazo, já que essa carne é produzida com nutrientes que fornecem maior ganho de peso e crescimento acelerado, por exemplo. A indústria de aves tem como prioridade a produção de grande quantidade, e declaram, inclusive, que necessitam dar conta do consumo. No entanto, “deixaram de lado” a qualidade do produto que produzem.

Quanto ao processo de produção de frango, a matéria da edição de aves de setembro/outubro de 2011, denominada “O que tem contribuído para o melhor desempenho dos frangos de corte?” traz informações sobre a produção industrial. Informa também o que é empregado no processo de produção até que a carne de frango chegue à mesa de inúmeros consumidores. A reportagem conta com participação do técnico e zootecnista da Poli Nutri, empresa especialista em nutrição animal.

Em 1950 um frango demorava 70 dias para alcançar 1,6 kg de peso. Atualmente os frangos são abatidos aos 42 dias com 2,5 kg. Tal evolução decorre principalmente da rigorosa seleção genética das aves”. Na fala do técnico: “Diversos estudos científicos não conseguiram provar qualquer benefício da utilização de hormônios para acelerar o crescimento das aves. Os resultados, são controversos em especial porque as aves já expressam elevado ganho de peso, fruto de intensa seleção genética e dos modernos sistemas de criação<sup>47</sup>.

O profissional relata que o processo de produção de aves evoluiu e que isso se deve à genética das aves e não ao uso de hormônios, pois, esses animais expressam elevado ganho de peso devido à genética e ao sistema de produção. O técnico insiste que o crescimento das aves é devido também à grande quantidade de vitaminas na composição da ração. No entanto, na reportagem anterior, enfatizava-se a enzima que permitia maior crescimento e ganho de peso, revelando uma contradição entre a matéria publicada na edição do caderno de aves e grãos de 2008 e a edição do caderno de aves de outubro de 2011.

Na edição de novembro/dezembro de 2012, caderno especial Suínos, Aves e Bovinos, há matérias sobre as inovações de algumas empresas do ramo de produtos

---

<sup>47</sup> O PRESENTE. O que tem contribuído para o melhor desempenho de frango de corte? Caderno de Aves. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon – PR. Setembro Outubro 2011, p.35. Disponível em: < <http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=43&i=1314> > acessado em: 08, jan, 2013

veterinários. Ao narrar sobre o emprego de novas tecnologias, divulga-se também o uso de inúmeros medicamentos na produção do frango industrial, como na passagem: “as empresas que trabalham em parceria com as Integradoras e produtoras de frango precisam buscar inovações na linha veterinária, com antibióticos novos, aditivos, pré e probióticos, anticoccidianos e na linha de tecnologia da informação”<sup>48</sup>.

As propagandas encontradas no decorrer do periódico são de diversos ramos que atendem o mercado de aves, suínos, peixes e bovinos. Algumas delas ocupam uma parte da página. Contudo, é possível encontrar páginas inteiras destinadas à propaganda de mercadorias e equipamentos.

A relação que se estabelece entre a instância da genética e as demais que compõe a cadeia ressaltam o elevado grau de dependência do gênero avícola com relação a essas tecnologias. Isso é bastante perceptível, pois são inúmeras as propagandas que incluem medicamentos para pintinhos na fase de engorda dos frangos de corte, ou ainda equipamentos para aviários como telas, triturador de cama de aviário, aquecedores, entre outros aparelhos. Devemos nos questionar se são necessários todos esses melhoramentos, implementos e medicamentos para a avicultura industrial. Ou se a constituição da avicultura industrial ocorre desse modo como forma de garantir ganhos a todos os setores da cadeia produtiva do frango.

Por outro lado, enfatizo que as indústrias de medicamentos movimentam muito dinheiro. As empresas químicas responsáveis pelos antibióticos e vacinas têm, na avicultura, um mercado no qual faturam alto, pois a atividade no Brasil cresceu muito nos últimos tempos.

Além disso, são perceptíveis, nas páginas de *O Presente Rural*, pesquisas e investimentos tecnológicos de grandes empresas no ramo avícola, aprimorando medicamentos e demais produtos, como também se faz presente nomes de grandes empresas do ramo de medicamentos utilizados no processo de criação de suínos, bovinos, aves e peixes. Prevalece, nessas páginas, a divulgação dos produtos seguidos da afirmação de que eles são a “chave” para se obter produção garantida e eficiente.

---

<sup>48</sup> O PRESENTE. Avicultura alinhada a novas tecnologias. Especial: Suínos, Aves e Peixes. **O Presente Rural**. Marechal Cândido Rondon - PR. Novembro Dezembro 2012, p.54. Disponível em: <<http://www.flip3d.com.br/web/pub/opresenterural//index.jsp?edicao=1063>> acessado em: 20, jan, 2013.



Além de mostrar os produtos ao leitor, *O Presente Rural* se utiliza de imagens que induz o produtor a ter um frango “campeão” como, por exemplo, a propaganda da edição de abril de 2011, do caderno de aves<sup>49</sup>. A imagem que procuram passar é de um frango “campeão” e “forte” se comparado às demais aves que não consomem o aditivo nutricional. Ressalta-se ainda que, segundo a propaganda, as aves têm menor mortalidade e morbidade, maior conversão alimentar, melhor uniformidade e melhores respostas imunes, entre outros “resultados” alcançados através do uso do produto. Desse modo, as propagandas buscam difundir um novo meio de organizar a produção.

É perceptível que propagandas buscam passar a ideia de que o produtor deve investir em tecnologia e deixar de ser tradicional, tornando sua produção e propriedade modernas. Há também a disseminação de falas em torno do uso da tecnologia como um aliado do produtor para produzir com qualidade.

Ressaltei, anteriormente, que o periódico local *O Presente Rural* teve sua primeira edição *online* publicada em maio de 2008, onde exaltou, no momento, o mercado avícola em ascensão. No período, haviam vários motivos favoráveis ao crescimento da atividade. Nas primeiras edições do ano de 2012 apontava-se números referentes ao ano de 2011, exaltando que a atividade avícola havia batido recordes históricos em produção, consumo e exportação. No entanto, a partir do segundo semestre de 2012, com a crise que afetou a produção de grãos nos Estados Unidos, as atividades dependentes dos cereais, como a criação de aves, foi atingida pela alta do preço desses mantimentos, e, em contrapartida, pelo não acompanhado do preço da carne de frango.

Com a alta nos insumos, as atividades dependentes dos grãos, como avicultura, suínocultura, pecuária de corte e leite passaram a ter alta no custo de produção devido o preço dos grãos. Por outro lado, esse aumento nos preços beneficiou muitos agricultores, principalmente os que tinham grãos armazenados. Mas, os produtores de grãos beneficiados pela alta no preço do produto foram, na sua maior parte, os grandes produtores, tendo em vista que, geralmente, nas pequenas propriedades o que prevalece é a variedade de atividades — alternativa que a maioria dos pequenos proprietários utilizam para conseguir uma renda extra, além da pequena lavoura de grãos.

---

<sup>49</sup> O PRESENTE. Especial Aves. Marechal Cândido Rondon – PR. **O Presente Rural**. Abril Maio 2011, p.09. Disponível em: acessado em: < <http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=38&i=1086> > 07, fev, 2012.

Quanto aos pequenos proprietários, que investiram na avicultura ou na pecuária como atividade diversificada, tiveram a atividade comprometida com a alta no preço dos insumos e, conseqüentemente, alta no custo da produção, pois muitas indústrias reduziram a produtividade.

Tendo em vista tais questões, foi realizada uma pesquisa no *O Presente Rural* para entender como o periódico retratava a atividade antes do período de crise e quando o setor foi atingido. Neste sentido, destaco a matéria da edição de novembro/dezembro de 2012<sup>50</sup>, na qual é enfatizado o alto custo de produção. A reportagem apresenta dados da EMBRAPA sobre o momento e recuo no custo de produção de frangos. No entanto, acumularam alta de 37,66% no ano de 2012, resultando em alta de 45% no custo de produção da ração. Além dessa matéria, enfatizando a alta na produção da carne de frango, outra reportagem que merece destaque na mesma edição e que evidencia a crise no setor, é a intitulada “Produção de carne de frango terá primeiro recuo desde 2000<sup>51</sup>”. A alta no preço de produção é destacada como um dos principais motivos que levou a essa redução.

Além dessas matérias evidenciando crise no setor avícola, vale ressaltar também outra, enfatizando que “durante cerca de 10 anos a atividade avícola foi de crescimento e/ou ainda de mercado estável como nos anos de 2008 e 2009, no entanto 2012 foi de queda de 4,2 na produção comparado com 2011”<sup>52</sup>. É citado, ainda, que “o recuo da produção se deu também porque o farelo de soja, um dos produtos usado na composição da ração, custava 600 reais a tonelada, mas chegou a ser cotada a 1.400 reais entre agosto e setembro”<sup>53</sup>. Na reportagem consta, além de dados quantitativos, informando sobre os contratemplos no mercado de aves, também a fala do presidente da União Brasileira de Avicultura (UBABEF). Mas, o avicultor, sujeito fundamentalmente importante na atividade — tendo em vista que é ele quem acompanha o processo de criação das aves —, não tem espaço para falar sobre a atividade, tampouco sobre as dificuldades enfrentadas no setor.

---

<sup>50</sup> O PRESENTE. Custo de produção cai em outubro, mas acumula alta de 37,36%. Caderno de Aves, Suínos e Peixes. Marechal Cândido Rondon - PR. **O Presente Rural**. Novembro/Dezembro2012. Disponível em: < <http://www.flip3d.com.br/web/pub/opresenterural//index.jsp?edicao=1063> > 20, fev, 2013, p. 29

<sup>51</sup> O PRESENTE. Caderno de Aves, Suínos e Peixes. Marechal Cândido Rondon - PR. **O Presente Rural**. Novembro/Dezembro2012. Disponível em: < <http://www.flip3d.com.br/web/pub/opresenterural//index.jsp?edicao=1063> > 20, fev, 2013, p. 33

<sup>52</sup> Idem, Ibidem, p.33.

<sup>53</sup> Idem, Ibidem, p.33.

Além da ausência do trabalhador avicultor em reportagens de *O Presente Rural*, realizei pesquisas em cadernos voltados à suinocultura, bovinos de corte e leite, e grãos, analisando o modo como o jornal faz referência aos trabalhadores de forma geral.

Na edição de maio de 2008, há matérias referentes a quanto o mercado avícola tem se destacado nos últimos tempos e como vem se destacando na região Oeste do Paraná, tendo como donos da palavra presidentes da Copagril, Copavel e C. Vale. Ainda na mesma edição, outra matéria de destaque é a que cita que a “rotatividade de mão de obra ainda é problema para as indústrias”<sup>54</sup>. Nessa, como também em outras reportagens, enfatiza-se a pouca qualificação do trabalho, colocando-o, assim, como o problema, ao mesmo tempo em que isenta responsabilidades à empresa, às condições de trabalho oferecidas e à baixa remuneração oferecida.

No conteúdo da reportagem, há declarações do delegado da Sintrascopa (Sindicato dos Trabalhadores em Sociedade Cooperativas Agrícolas, Agropecuárias e Agroindustrial), Wilson Moraes, o qual destaca que “de uma maneira geral falta mão de obra qualificada para as indústrias”<sup>55</sup>, e relata que a industrialização é ainda recente na região e o trabalhador, culturalmente, ainda não está preparado para este tipo de trabalho. Em geral, até mesmo o presidente da Copagril destaca que os motivos da alta rotatividade deve-se à falta de qualificação e à cultura regional adaptada em horário comercial e não ao trabalho industrial de 24 horas por dia. Na reportagem, os principais sujeitos são Wilson Moraes, delegado do sindicato, e o Presidente da Copagril. Mas, é ausente a fala de um ex-empregado da empresa, necessária para um esclarecimento maior sobre o processo de rotatividade, visto que ele poderia falar como era seu trabalho, a rotina, o salário. Mesmo sendo ele o principal sujeito de quem se fala, ignora-se seu ponto de vista sobre o processo.

Além disso, os sindicatos, que deveriam defender o trabalhador e suas causas, atuam muitas vezes como patronal e defende a empresa ao invés do trabalhador. Nessa direção, concordo com Rinaldo José Varussa na sua avaliação sobre os sindicatos: “O aparente alinhamento entre a empresa e o sindicato, que ficaria evidenciado também nos

---

<sup>54</sup> O PRESENTE. Rotatividade de mão de obra ainda é problema para as indústrias. Especial Aves. **O Presente Rural**. Maio/2009, p.20. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=4&i=36>> acessado em: 20, fev, 2013

<sup>55</sup> O PRESENTE. Rotatividade de mão de obra ainda é problema para as indústrias. Especial Aves. **O Presente Rural**. Maio/2009, p.20. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=4&i=36>> acessado em: 20, fev, 2013.

processos trabalhistas instaurados contra a empresa e no “subsídio” que os sindicatos cooperativistas recebiam das empresas”<sup>56</sup>. Neste sentido, o trabalhador paga através da folha de pagamento, pela representatividade, mas é destituído de sua função. Os sindicatos são mais das cooperativas do que em defesa dos interesses dos trabalhadores.

Quanto à fala de Wilson Moraes, que “falta mão de obra qualificada”, acreditamos ser esta uma justificativa dada para as inúmeras demissões que ocorrem tanto em Marechal Cândido Rondon como em demais regiões. Quanto aos trabalhadores, como foi apontado por Rinaldo José Varussa, há a constituição de uma rejeição pelo trabalho naquele setor<sup>57</sup>.

Há inúmeras reportagens, publicadas no *O Presente Rural*, com o intuito de indicar que há falta de mão de obra no campo, como a edição do caderno de bovinos e grãos do mês de fevereiro de 2009. A matéria tem como assunto principal a produção de alimentos orgânicos, entretanto, destaca a fala de um agricultor que diz não ser possível ter grande área de soja orgânica plantada, já que, segundo ele, não se consegue mão de obra para a carpinagem da lavoura<sup>58</sup>. Essa é mais uma entre outras matérias que tem como foco principal a falta de mão de obra, sem mencionar nada sobre as condições de trabalho e demais motivos que levam muitos trabalhadores a rejeitar determinados serviços.

No caderno de suínos e peixes de setembro e outubro de 2012, a matéria “Automação permite sair da falta de mão de obra a mais tempo de descanso”, é mais uma que complementa as outras reportagens que já vinham sendo apontadas nas edições em anos anteriores, como de 2008, 2009, 2010 e 2011. Esses periódicos foram marcados pela presença constante de reportagens enfatizando a falta de mão de obra como um problema no campo. Na edição de setembro e outubro de 2012 é apontada, como solução para o problema, a automatização de serviços nas granjas e açudes destinados à piscicultura.

A reportagem destaca que, com o auxílio de novas tecnologias, as atividades que dependiam de trabalho braçal passam a ser realizadas automaticamente. Os proprietários de granja de suínos enfatizam os motivos que levam a automatização: “a escassez de mão de

---

<sup>56</sup> VARUSSA, R. Sindicalismo e trabalhadores em cooperativa no oeste do Paraná. **Mundos do Trabalho**. vol. 4, n. 7, janeiro-junho de 2012, p. 172.

<sup>57</sup> Idem, Ibidem, p.176.

<sup>58</sup> O PRESENTE. Falta de crédito e mão de obra limita expansão de grãos orgânicos. Especial Bovinocultura e grãos. **O Presente Rural**. Fevereiro/2009, p.07. Disponível em: < <http://www.opresenteural.com.br/lerCaderno.php?e=10&i=208> > acessado em: 22/02/2013

obra e a eficiência do sistema, vale a pena”<sup>59</sup>. Entretanto, embora as reportagens enfatizem a falta de mão de obra, constatamos que não há escassez dessa força de trabalho no campo, inclusive, há deslocamentos de diversas regiões, como do país vizinho Paraguai, de trabalhadores com intuito de se estabelecer e trabalhar no interior de Marechal Cândido Rondon.

Os processos de mecanização do campo, como também o emprego de tecnologias em chiqueiros de suínos e a mecanização na produção de leite bovino são aspectos que vem tirando o emprego de muitas pessoas, uma vez que verificamos, no decorrer de nossa pesquisa, que não há falta de mão de obra no campo, e sim pouca valorização da mesma. Muitos dos trabalhos ofertados possuem longa jornada de serviço e pouca remuneração.

Enquanto a matéria selecionada anteriormente remetia à falta de mão de obra em indústrias, destaco agora uma que remete à falta de mão de obra no interior. Antes, as justificativas eram por falta de qualificação e adaptação cultural à rotina do trabalho. A reportagem denominada “Falta mão de obra pelo interior do Brasil” enfatiza que falta qualificação e destaca que o fato de muitos não se adaptarem à rotina do campo. O que mais merece destaque na matéria em si é a fala de Valmor Kaiser, presidente do Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon, que diz que a legislação atrapalha o agricultor e dificulta o desenvolvimento até para melhorar as relações patrão/empregado<sup>60</sup>. Cita ainda que as leis trabalhistas são bastante complexas e burocráticas para o produtor. Quanto a Normativa 31, esta “dificultou ainda mais para o produtor”<sup>61</sup>. Muitas das leis trabalhistas, que defendem o trabalhador rural, foram conquistadas com grande esforço e são colocadas, na matéria, como um impedimento ao emprego dos trabalhadores pelo presidente do Sindicato Rural Valmor Kaiser.

Outra reportagem a ser analisada é a “Terceirização pode ser solução para falta de mão de obra”<sup>62</sup>, edição de setembro e outubro de 2011. A matéria enfatiza uma das

---

<sup>59</sup> O PRESENTE. Automação permite sair da falta de mão de obra a mais tempo de descanso. Especial Suínos e Peixes. **O Presente Rural**. Setembro/Outubro 2012, p.27. Disponível em: <<http://www.flip3d.com.br/web/pub/opresenterural/index.jsp?edicao=960>> acessado em: 22/02/2013.

<sup>60</sup> O PRESENTE. Falta mão de obra pelo interior do Brasil. Bovinocultura e Grãos. **O Presente Rural**. Junho Julho/2011. P.07. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=40&i=1174>> Acessado em: 20/02/2013.

<sup>61</sup> Idem, Ibidem, p.07.

<sup>62</sup> O PRESENTE. Terceirização pode ser solução para falta de mão de obra. Especial Aves. **O Presente Rural**. Setembro/Outubro/2011, p.28, 29. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=43&i=1307>> acessado em 20, fev, 2013.

soluções encontradas para a falta de mão de obra no campo. Segundo o jornal, a terceirização solucionaria a carência de mão de obra no campo e traria garantia de trabalho qualificado com pessoal treinado. Assim sendo, a Copagril contrata a empresa que terceiriza os serviços e também se responsabiliza pela contratação dos trabalhadores. Os pegadores de frango e batedores de caixa realizam os serviços diretamente para a Unidade Industrial de Aves Copagril, mas não são contratados pelo frigorífico, e sim pela empresa responsável pela contratação desses trabalhadores.

Essa, como as demais matérias, traz o enfoque para a falta de mão de obra no campo e não às condições de trabalho. As reportagens trazem ainda entrevistas com técnicos, reforçando a importância da terceirização, bem como imagens onde há trabalhadores prestando serviços e equipes terceirizadas recebendo instruções.

No caderno da Avicultura, edição de fevereiro de 2010, na matéria denominada “temperaturas exigem cuidados redobrados no transporte”, há ênfase em uma série de cuidados a serem tomados para que as aves não morram no trajeto do aviário até a unidade industrial. Segundo a reportagem, em janeiro de 2010 teria ocorrido 37% de aumento da quantidade de mortes, sendo necessária a adoção de medidas “extras”<sup>63</sup>. Entre estas medidas consta o carregamento, em propriedades mais distantes, nos períodos do dia em que a temperatura é mais baixa como, por exemplo, logo pela manhã ou à noite, e não no período da tarde. Ressalta-se também que, normalmente, a Copagril conta com uma equipe para o carregamento, mas que por esse motivo são utilizadas duas. A imagem abaixo é parte integrante da reportagem.

---

<sup>63</sup> O PRESENTE. Temperaturas altas exigem cuidados redobrados no transporte. Especial Aves. **O Presente Rural**. Fevereiro/2010, p.15. Disponível em:<  
<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=21&i=560>> acessado em: 20, fev, 2013.



*Copagril dobrou equipe de carregadores para dinamizar o carregamento de aves*

Com legenda “Copagril dobrou equipe de carregadores, para dinamizar o carregamento de aves<sup>64</sup>”, pode parecer que, em um primeiro momento, com o uso de duas equipes há maior facilidade no trabalho. No entanto, por meio dos relatos dos trabalhadores, não houve alteração no trabalho, como também não facilitou. Essas são algumas questões que serão problematizadas no segundo capítulo, por meio das entrevistas realizadas com os trabalhadores.

Quanto à imagem da reportagem, podemos observar que são pegadores de frango dentro de um aviário. A cena denuncia as condições de trabalho vivenciadas pelos funcionários: sem luvas, sem máscara de proteção e sem camisa, evidenciando a ausência de uniforme e demais equipamentos de proteção individual.

O suplemento *O Presente Rural* se pauta em questões que envolvem a carne de frango enquanto um dado econômico para o mercado. Ou ainda, a presença de inúmeras

---

<sup>64</sup> O PRESENTE. Temperaturas altas exigem cuidados redobrados no transporte. Especial Aves. **O Presente Rural**. Fevereiro/2010, p.15. Disponível em:< <http://www.opresente.com.br/lerCaderno.php?e=21&i=560>> acessado em: 20, fev, 2013.

reportagens sobre a importância do bem estar das aves. Por outro lado, questões que envolvem o trabalho são silenciadas, e quando são expostas é no sentido de fazer propaganda do trabalho em si ou trazer os direitos dos trabalhadores constituídos como se fossem “dádivas” oferecidas a eles.

Esse é o caso de matérias publicadas nas edições do caderno da avicultura, do periódico *O Presente Rural*, em que enfatizam as “boas condições” de trabalho, como por exemplo, a edição de abril e maio de 2012 com a reportagem denominada “Investimento em bem-estar de trabalhadores melhora desempenho de frigoríficos”, sobre os investimentos feitos na Unidade Industrial de Aves<sup>65</sup>. Ela procura mostrar boas condições oferecidas aos trabalhadores. Além da imagem de boa empresa que se preocupa com o bem-estar dos funcionários, deixam explícito que buscam com esse investimento diminuir a rotatividade e aumentar a produtividade. Ainda quanto à matéria sobre o “bem estar dos trabalhadores do frigorífico Copagril”, também motiva outros sujeitos a se deslocarem em busca deste emprego que a imprensa procura mostrar como um trabalho surpreendente e com boas condições, afinal, segundo a matéria, é possível “dormir muito” (só não é informado qual é este tempo de descanso).

Ressalta-se, ainda, que essa imprensa não difere da perspectiva do programa *Globo Repórter*, em que exibiu inúmeros trabalhadores, de catadores de papel a agricultores, com a propaganda de que “conseguiram ganhar dinheiro sem patrão”<sup>66</sup>. Assim, procuram transmitir uma ideologia de que o mercado de trabalho está aberto e com inúmeras “oportunidades de renda”. Por meio da imprensa, se constrói um “modelo” de trabalhador adaptado à disciplina do trabalho. As próprias conquistas da classe trabalhadora são apresentadas como melhorias dadas aos trabalhadores, deixando de lado toda a luta e a organização desses enquanto sujeitos ativos na construção histórica das conquistas.

Percebemos que os trabalhadores do frigorífico de aves Copagril estão presentes nas matérias, enquanto que os trabalhadores batedores de caixa e pegadores de frango estão ausentes na imprensa. Este silêncio deve-se por inúmeros motivos, entre os quais podemos

---

<sup>65</sup> O PRESENTE. Investimento em bem estar de trabalhadores melhora desempenho de frigoríficos. **O Presente Rural**. Caderno de Aves. Abril/Maio/2012, p.26. Disponível em: <<http://www.opresenterural.com.br/lerCaderno.php?e=49&i=1558>> Acessado em: 22, fev.2013.

<sup>66</sup> BOSI, Antônio de Pádua; VARUSSA, Rinaldo José. O trabalho em disputa. In: PORTELLI, A. et al. *Mundos dos trabalhadores: lutas e projetos históricos*. 1 ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009, v. 1, p. 27.



destacar o fato de que as condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores são degradantes e inexistentes, até mesmo o que lhes são de direito, como alimentação.

Por fim, concluo que, nas páginas de *O Presente Rural*, há espaço para inúmeras publicações referentes as cooperativas da região Oeste do Paraná, que as considera de grande importância para o “desenvolvimento” econômico e social da região, pois geram empregos, tributos e demais investimentos. Há também a fala de inúmeros técnicos agrícolas e inúmeras preocupações com o bem estar animal. Quanto aos trabalhadores envolvidos com as diversas atividades, seja no processo de criação de aves, suínos, peixes ou bovinos, esses tiveram suas relações de produção e organização do trabalho transformadas com o agronegócio. As atividades de inúmeros trabalhadores do campo tem sustentado e possibilitado o “crescimento extraordinário” das agroindústrias. No entanto, esses trabalhadores e sua exploração não são apontados como sendo a base dessa significativa produção.

## CAPÍTULO II

### RELAÇÃO ENTRE AGROINDÚSTRIA DE AVES, TRABALHO E TRABALHADORES EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR

Neste capítulo problematizo, por meio da fala dos trabalhadores, sujeitos desta pesquisa, como são as relações de trabalho dos pegadores de frango e batedores de caixa em Marechal Cândido Rondon. Acrescento, ainda, as especificidades deste trabalho, como pro exemplo, a rotina, o ritmo e as condições vivenciadas.

Os relatos dos funcionários evidenciam as difíceis condições de trabalho enfrentadas diariamente, assim como diversos direitos trabalhistas que são descumpridos pela empresa que os contrata para prestar o serviço. Tendo em vista tais apontamentos, deve-se questionar se isso ocorre apenas em Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná.

As precárias condições de trabalho em que são submetidos se constituem em um problema histórico e por meio da discussão do documentário *Food Inc*<sup>67</sup>, exibido em oficina organizada pelo Laboratório Multidisciplinar de Educação Continuada (LEC) e pelo Laboratório de Pesquisa, Trabalho e Movimentos Sociais (LTMS), percebemos que o problema é também estrutural.

O documentário *Food Inc.*, com direção de Robert Kenner, trata a origem real dos alimentos nos EUA e informa o sistema de produção no campo, que atualmente produz em larga escala a carne de frango, suína, bovina, entre outros. Em determinada passagem (8 minutos e 17 segundos) o documentário inicia a abordagem das transformações ocorridas no processo avícola. Evidencia a alteração na forma de criar galinhas, com transformações genéticas que aceleram o tempo necessário de criação, aumentando seu tamanho. Esse sistema não busca criar galinhas, mas a produção de grande quantidade de comida, utilizando pouco espaço e baixo custo, em que não alteraram apenas as aves, mas também os meios como o agricultor lhe dá com sua própria administração.

---

<sup>67</sup> *Food Inc.* expõe mudanças o processo de produção de alimentos nos Estados Unidos. Assim mostra desde a produção da matéria-prima até o produto final disponível nos supermercados. O documentário aborda como está a situação de avicultores e também dos trabalhadores desta indústria alimentícia estadunidense, com poucas empresas dominando o processamento de alimentos. Cf. KENNER, R. **Food, Inc.** [Documentário DVD]. Produzido por Magnolia Pictures Release, direção de Rober Kenner. New York, 2009. DVD, 93 min. Color.

Muitos avicultores se prendem a grandes companhias devido a empréstimos contraídos para financiamento de aviários. O documentário segue da indústria ao condado Kentucky, informando sobre o processo de produção avícola, já que muitos agricultores, com declínio do tabaco, se voltaram para criação de aves. Aos 12 minutos e 55 segundos, a criadora da Perdue, Carole Morison, mostra o interior de seus galinheiros e os desafios de ser uma avicultora. Embora as imagens evidenciem o sistema de produção nos Estados Unidos, podemos perceber que não é diferente do que ocorre hoje no Brasil, tanto no que se refere à criação das aves quanto à relação entre avicultor integrado à indústria.

Aos 14 minutos e 30 segundos do documentário, Carole Morison narra a recolha das aves:

Quando está escuro dentro dos galinheiros, as galinhas deitam-se e oferecem menos resistência quando são apanhadas. Tradicionalmente, eram homens afro-americanos, agora vemos cada vez mais capturadores latinos, trabalhadores sem documentos, e do seu ponto de vista eles não tem direito e não vão se queixar. As companhias gostam deste tipo de trabalhadores<sup>68</sup>.

Enquanto Carole Morison narra, são exibidas imagens mostrando a captura do frango. Nelas, são visíveis trabalhadores pegando a ave pelos pés e, por fim, aparecem trabalhadores batedores de caixa realizando o carregamento até o caminhão. Podemos perceber também que eles não fazem uso de máscara dentro do aviário. Além do mais, Carole Morison conta que são trabalhadores sem documentos, logo sem carteira de trabalho e sem direitos trabalhistas previdenciários. Por fim, relata que as companhias gostam deste tipo de trabalhadores, pois devido ao fato de serem ilegais são alvos fáceis de exploração e os destitui dos direitos.

As precárias condições de trabalho dos pegadores de frango e batedores de caixa, nos Estados Unidos, é uma realidade não muito diferente do que é vivenciado aqui no Brasil, como foi apontado em reportagem divulgada pelo *Repórter Brasil*<sup>69</sup>, a qual expõe que o Ministério Público do Trabalho entrou com ação civil contra a empresa do setor avícola do nordeste, Mauricéa Alimentos, por manter 29 trabalhadores em condições

---

<sup>68</sup> Cf. KENNER, R. **Food, Inc.** [Documentário DVD]. Produzido por Magnolia Pictures Release, direção de Rober Kenner. New York, 2009. DVD, 93 min. Color.

<sup>69</sup> WROLBLESK, S. Gigante da Avicultura é processada por escravizar 29 trabalhadores. **Repórter Brasil**. Disponível em: < <http://reporterbrasil.org.br/2013/05/gigante-da-avicultura-e-processada-por-escravizar-29-trabalhadores/>>. Acessado em: 10, jun, 2013.

análogas à escravidão. A empresa mantinha funcionários que trabalhavam na apanha e carregamento de aves e enfrentavam até 14 horas de trabalho diário. Acrescenta-se ainda que nem todos possuíam registro em carteira e eram obrigados a trabalhar mesmo sob chuva e com equipamentos de proteção individual (IPI) insuficiente, segundo informações da reportagem.

Além das imagens do documentário Food Inc. e também da reportagem divulgada pelo *Repórter Brasil*, há também as condições de trabalho degradantes enfrentadas pelos trabalhadores de Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná. São sujeitos relevantes para o processo de industrialização, uma vez que sem a realização do trabalho as unidades industriais de aves paralisariam suas atividades. No entanto, têm sua mão de obra explorada, pois além do baixo salário, muitas vezes, esses funcionários se deslocam para longe de suas residências, realizam atividades que exigem força física e muitos movimentos repetitivos. Apuramos, por meio das entrevistas, que diversos direitos trabalhistas são negados aos trabalhadores, tais como, transporte adequado, direito à alimentação, uniforme adequado, hora extra, carteira assinada, assegurando férias, décimo terceiro, seguro desemprego, entre outros.

Por meio das entrevistas, podemos identificar e compreender como é a atividade que o trabalhador pegador de frango e o batedor de caixa realizam. A primeira que citamos foi realizada com o trabalhador José, em sua residência, no distrito de Iguaporã. Ele migrou de Pato Bragado, onde trabalhava em uma feccularia. A entrevista foi realizada em abril de 2012, momento em que José encontrava-se desempregado, contudo, disse-me que pensava em retornar ao trabalho que antes realizava. O fato de muitos trabalhadores acabarem retornando ao trabalho anterior nos leva a problematizar as “oportunidades”, as condições de trabalho e a organização do mercado na cidade e no interior de Marechal Cândido Rondon. No distrito de Iguaporã, localidade onde José reside, por exemplo, o comércio é pequeno, tendo apenas serviços no campo com trabalho temporário e de remuneração incerta.

José relata também que trabalhou cerca de quatro anos desempenhando função de “pegador de frango” e, durante esse período, trabalhava um tempo e parava.

A partir do que os trabalhadores disseram-me, buscarei descrever a realização do trabalho na região Oeste do Paraná. Os trabalhadores pegadores de frango, ao chegar ao

aviário, realizam a instalação de alguns canos denominados de 500 (trilhos de PVC), que servem para colocar as caixas em cima. Após realizar a tarefa de pegar e posteriormente encaixar os frangos, as caixas são empurradas para cima do caminhão. José revela ainda que o trabalho é feito em equipe e que são oito pegadores. O trabalho de descarregamento das caixas é feito pelos batedores de caixa, enquanto que durante o dia os pegadores de frango utilizam essas mesmas caixas para fazer “cerquinha”. José relata ainda que no período noturno não é necessário fazer “cerquinha”, pois no escuro os frangos ficam mais calmos. Assim, os trabalhadores pegadores de frango têm como função pegar o frango e encaixá-los, enquanto que o batedor de caixa é responsável pelo carregamento das caixas até o caminhão.

Quanto à realização das atividades, o trabalhador José conta que tiveram algumas alterações ocorridas como no modo de “pegar” o frango ou até mesmo a instituição de duas equipes para realizar o trabalho em um aviário. Essas são mudanças ocorreram e são narradas pelos trabalhadores. No entanto, grande parte delas não visa a melhoria no ambiente de trabalho, e tampouco são pensadas de modo que facilite o trabalho na apanha e carregamento, mas que beneficie o processo de abate das aves. Por exemplo, José informa que “nem no começo, eles mandava pega mais nos pés do frango, e daí começo a dá muita fratura no frango. Daí eles começaram a exigí pra pega mais no dorso, assim, no peito que não machuca. *Daí o frango, assim, pra ponha na caixa*”. A mudança citada pelo trabalhador deixa claro apenas preocupações com o “bem estar da ave”, não do funcionário.

Quanto às preocupações que permeiam o “bem estar da ave”, faço referência a Cintia Gonçalves<sup>70</sup> e seu trabalho de conclusão de curso, denominado *Fluxograma de abate de aves*. Sua pesquisa tem por finalidade apresentar o processo de produção de aves desde a fase inicial até a última parte do processo, que é a estocagem e distribuição do frango. A autora menciona que a atividade de “pega” e carregamento das aves é de grande importância, principalmente, porque é uma atividade de grande peso econômico.

A captura do frango durante a retirada das aves do galpão para o abate é um trabalho que a primeira vista pode parecer fácil, mais que no fundo exige muito treinamento e força física por parte das pessoas contratadas para este tipo de tarefa. A captura é uma etapa importante e interfere

---

<sup>70</sup> GOLÇALVES. C. **Fluxograma de abate de aves**. Trabalho de conclusão de curso. Instituto Quallitas. Goiânia. 2008.

diretamente na qualidade da carcaça e no custo final do frango. A “pega” manual prevalece como forma de apanha<sup>71</sup>.

Gonçalves ainda comenta sobre a equipe de trabalhadores que realiza a atividade da “pega do frango”, em que a “captura de frangos de corte durante a retirada do lote da granja para o abate é realizada manualmente, no Brasil, por uma equipe formada de 12 a 14 pessoas”<sup>72</sup>. No entanto, a autora não relata sobre o trabalho dos batedores de caixa, passando a impressão de que o processo todo é realizado apenas por pegadores de frango.

No caso das equipes de trabalhadores da apanha, os pegadores de frango desempenham algumas funções enquanto que os batedores de caixa são responsáveis por outras. A autora cita a “apanha humanitária” para conter os “danos ou ferimentos nas aves” e evitar perda da carcaça, ou ainda promover o bem estar das aves, não a deixando passar por quebra de ossos, dor e sofrimento. São fatores que, segundo Cintia Gonçalves, é determinante na eficiência e lucratividade da produção comercial de frango. Além disso, ela expõe que a ave é de grande importância econômica e por isso merece tantos cuidados. Quanto à equipe de trabalhadores, essa é destituída de cuidados, ou ainda, não se faz menção às dificuldades que eles enfrentam diariamente.

Nos relatos de todos os entrevistados são evidentes as dificuldades enfrentadas na realização do ofício, como por exemplo, a rotina de trabalho extensa, realizando atividades tanto no período noturno como diurno. O trabalhador Gilson, de vinte anos de idade, entrevistado em janeiro de 2012 em sua residência, localizada no Jardim Alvorada, bairro de Marechal Cândido Rondon, ressalta sobre a extensa jornada de trabalho. A entrevista foi realizada após seu retorno do trabalho.

Salete: Teve um dia que eu vim aqui, conversei com sua esposa, ela falou que você ia chegar, que você estava pra chegar, mas que mais tarde a meia noite você já ia sair de novo. É, então tem dias que você sai quase duas vezes por dia?

Gilson: Não. Tem vez que sim. Tem vez que você faz tipo um de madrugada e um a noite. Só que no máximo que dá é 5 horas de serviço se vai. A única coisa que demora é o transporte, você vai demora uma hora, duas horas pra chegar. Aí volta. No caso se for pouco vai dá. Normalmente quase trabalhar como diária. Só que daí tem o noturno também, que não é horário comercial, né. Daí, tipo assim, você faz um de madrugada, daí sai lá pelas dez horas, onze hora, que nem tipo... é do

---

<sup>71</sup> Idem, Ibidem, p. 6.

<sup>72</sup> Idem, Ibidem, p. 7.

mesmo dia ainda<sup>73</sup>.

Gilson chama atenção para o fato de desempenhar o trabalho longe de sua residência, fato que, “demora uma hora, duas hora pra chegar”. Além disso, a jornada diária se estende por mais de oito horas de trabalho, dependendo do período e da demanda da produção, já que a atividade é totalmente dependente da demanda da Unidade Industrial de Aves.

O jovem Alessandro, de dezenove anos de idade, em entrevista realizada em outubro de 2011, em Bom Jardim, interior de Marechal Cândido Rondon, relata sobre um período em que a rotina de trabalho era ainda mais extensa e cansativa, pois, segundo ele, chegava em casa e logo saíam para realizar trabalho de apanha e carregamento de aves em outro aviário.

Alessandro: Sim, tem vez que nós faz dois, três aviários. Começa de manhã um, de noite outro, outro dia você chega em casa, fica duas hora em casa, tem vez, e aí já sai de novo.

Vagner: E como é que é o corpo suporta?

Alessandro: Agora aguenta né, mas antes não aguentava muito. Tipo, talvez antes, quando comecei, vixe, eu faltava algum aviário, eu ia em dois três só, mas agora é difícil faltar.

Vagner: O organismo vai suportando?

Alessandro: Acostumando, cansa, mas acostuma<sup>74</sup>.

Alessandro relata que no início seu corpo não se adaptava à rotina de trabalho, mas diz que agora está se “acostumando”, em referência ao fato de que no início faltava no trabalho e agora não mais, pois seu organismo tem suportado. Contudo, não se sabe até quando suportará, já que são inúmeros os casos de adoecimento causado por longa jornada de trabalho e esforço repetitivo. Quanto aos demais trabalhadores, ao serem questionados sobre o horário que realizam o trabalho, todos mencionam que “não tem hora pra esse serviço”, pois possuem uma rotina de trabalho intensa e estão condicionados à demanda do Frigorífico de Aves Copagril. Os batedores de caixa e pegadores de frango necessitam atender essa demanda da Unidade Industrial. Sendo assim, é necessário que desempenhem atividades tanto durante o dia como durante a noite.

---

<sup>73</sup> Entrevista com Gilson (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Jardim Alvorada, Marechal Cândido Rondon, PR. 23, jan. 2012

<sup>74</sup> Entrevista com Alessandro (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter e Vagner José Moreira. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 15 out. 2011.

Entre os trabalhadores entrevistados, grande parte eram pais de família, os quais relatam o fato de conviver mais com os colegas de trabalho do que com a própria família. Assim, pode se questionar o fato de como o trabalho que, antigamente era destacado como atividade que “dignifica o homem”, pode causar adoecimento ao mesmo e destituí-lo de passar parte do tempo com seus familiares. Evandro, em entrevista realizada em sua residência, Bom Jardim, relata sobre o fato de grande parte de seu tempo estar destinado ao trabalho e pouco aos filhos e a esposa.

Evandro: É, pra família a gente tem pouco tempo mesmo. Só fim de semana que a gente tem tempo. Porque no meio da semana às vezes você chega, fica dez hora fora de casa, onze hora, às vezes você chega em casa daí a programação do aviário tá perto de novo, às vezes você fica duas, três hora em casa e daí já tem que saí de volta. Às vezes você fica mais fora de casa do que em casa mesmo. É, tipo, pra nós mesmo nosso serviço às vezes a gente convive mais com os colegas de serviço do que em casa<sup>75</sup>.

Evandro destaca que “às vezes você fica mais fora de casa do que em casa” remetendo-se ao fato de que se torna difícil conciliar vida familiar e trabalho. Apenas Julio e Alessandro não são casados, os demais são todos pais de família. No relato de Evandro, o trabalho é presente em grande parte de seu tempo diário, restando assim pouco tempo para a família, pois há dias da semana em que “a gente convive mais com os colegas de serviço do que em casa”, lembrando que sua esposa também trabalha e, por vezes, quando chega em casa ela está em horário de trabalho, ou ainda à noite, quando a família está em casa, ele está em horário de trabalho. As esposas dos demais entrevistados, em sua grande maioria, também trabalham para auxiliar na renda familiar. Inclusive, mantive diálogo com muitas esposas e mães desses trabalhadores, como por exemplo, a mãe de Alessandro e Julio, a esposa do senhor José e a esposa de Evandro. Essas mulheres participaram da entrevista e também narraram suas experiências de trabalho, algumas enquanto trabalhadora do frigorífico de aves Copagril.

Ao compartilhar conosco suas experiências de trabalho, evidenciam que também gostariam de fazer parte da história, ou melhor, também têm muito a contar. Ao manter

---

<sup>75</sup> Entrevista com Evandro (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 12, Nov. 2011.



diálogo com as esposas desses trabalhadores, percebi que muitas delas têm uma rotina ligada à rotina de trabalho de seus maridos, pois muitas precisam, em horários diferenciados, preparar a alimentação que será levada para o trabalho nos aviários. Ou ainda, o quanto é desagradável lavar as roupas de trabalho extremamente sujas e fedidas. Elas também relatam que devido ao trabalho que ambos realizam, possuem pouco tempo para estar presente junto à família e informam que deixam seus filhos aos cuidados de parentes ou conhecidos que moram próximo.

Além da rotina de trabalho intensa, realizando atividades tanto durante o dia como durante a noite, as condições do ambiente de trabalho dentro do galpão podem ser muito desagradáveis. São questões presentes na narrativa de Alessandro, 19 anos de idade, em entrevista realizada em outubro de 2011. Alessandro narra dificuldades enfrentadas pelos pegadores de frango.

Salete: É, em outra conversa que tive com você, você disse que no início você começou como catador de frango depois, pegador de frango, depois você é, foi pra bater de caixa, como é que você me dizia esta experiência primeiro como é "catador" e agora como "carregador de caixa"?

Alessandro: É como pegador é bom também. Mas agora como bater de caixa também é bom. Tipo o mais difícil era pegar frango, né. Agora bater de caixa é mais bom. Só que é ruim também. Tem que, que nem agora tá chovendo né, tem que tá lá em cima do caminhão debaixo de chuva. Temporal estes dias tava caindo pedrinha e tava lá em cima do caminhão batendo caixa. E lá dentro do aviário é bom não molha nada. Só que é ruim que tem aviário que é uma nojeira dentro viu, puro aqueles banhados assim, tipo molha, né, daí aquela merda do frango fica tudo mole, trabalha naquilo lá é um cheirão do caralho.<sup>76</sup>

Alessandro faz um parâmetro comparativo entre as atividades de “pegar” e de “bater caixa”, no qual diz que em alguns aspectos o bater de caixa, por não ficar dentro do ambiente, não sofre com o pó da cama do aviário, mas ao ficar para o lado de fora se sujeita às condições climáticas como, por exemplo, trabalhar em dias de chuva. Ao fazer o comparativo entre as duas atividades, Alessandro parte de uma experiência já vivenciada por ele, pois ao entrar na empresa, começou como pegador de frango e apenas mais tarde passou a ser bater de caixa. Grande parte dos entrevistados iniciou pela atividade da pega do frango e posteriormente foram “promovidos” a bater de caixa. No narrar, Alessandro

---

<sup>76</sup> Entrevista com Alessandro (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter e Vagner José Moreira. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 15 out. 2011.

expressa uma oralidade – linguagem – diferenciada, que informa os espaços de sociabilidade da cultura dos trabalhadores jovens desse setor. Alessandro se contradiz ao qualificar o trabalho como “bom” e “ruim”. Todavia, no decorrer da entrevista enfatiza o trabalho como “ruim”.

O jovem Julio, em entrevista realizada em sua residência em Bom Jardim, destacou as dificuldades de trabalhar fora do aviário.

Julio: Eu não sei se os outros falaram assim, né, mas o caminhão fica fora do aviário.

Salete: Sim.

Julio: Isso mal tem uma lona em cima, às vezes tá tudo furado, se chove nós se molha, vento, frio nós pega.

Salete: Complicado.

Julio: Solão quente também.

Salete: Isso não tinham falado. E daí os pegador que tão lá dentro, daí nesta parte até que não tanto.

Julio: Lá dentro daí é sossegado, lá se chove ou, tão só numa temperatura, nós sai do quente entra pro frio, do frio pro quente. Que nem chove daí tá tudo molhado, entra dentro do aviário daí já é. É bom pro cara pestiá memo.<sup>77</sup>

Por meio do relato de Julio podemos perceber que, ao realizar o trabalho fora do aviário, ficam expostos às condições climáticas como chuva, vento, frio e até mesmo ao calor do sol. Julio relata ainda que as condições de trabalho induzem o trabalhador a “pestiá” ou adoecer, relatando em outro momento da entrevista que está “cheio de dor”.

As condições do ambiente de trabalho como vento, frio, chuva, sol e pó são fatores que podem causar adoecimento do trabalhador. No entanto, pode ocorrer também adoecimento devido à difícil rotina de trabalho. O fato de terem pouco tempo de descanso contribui para isso, salienta-se ainda a realização de inúmeros movimentos repetitivos e o carregamento de grande peso, tanto no trabalho realizado na pega do frango quanto ao bater caixa. Esses são fatores que, ao longo do tempo, podem causar problemas sérios à saúde. Assim, nas últimas entrevistas, questionei sobre a incidência de dores no corpo. Na

---

<sup>77</sup> Entrevista com Julio (pseudônimo), 19 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 07, Jun. 2012.

narrativa do ex-trabalhador batedor de caixa, Mario, que no momento prestava serviço na Unidade Industrial de Aves Copagrill, temos o seguinte relato:

Salete: E quando você fica um tempo assim trabalhando neste serviço, não começa a dar dor nas costas devido a postura que usa um problema assim?

Mario: Dá.

Salete: Dá?

Mario: Dá dor nas costas. Depende, vamos supor a bateção de caixa ela é muito rápida.

Salete: Ah, é rápida?

Mario: Tem que se ligeiro pra batê, por causa dos frangos, aí tem um horário, que você tem tá rápido, aí você cansa porque você tem que se abaixa muito.

Salete: Ah então os batedor também tem que se abaixa, não só os pegador?

Mario: Sim. Não os que trabaía vamo supor direto, né, se abaixa e se levanta.

Salete: E o peso também das caixa?

Mario: E o peso aí depende a época do frango que você pega lote o frango tá leviano, mas se pega lote que o frango é pesado<sup>78</sup>.

Mario relata sobre a ocorrência de dores na coluna devido ao esforço realizado na atividade, ocasionada pelos ritmos intensos do trabalho, pois é exigido um tempo mínimo para o carregamento, sendo necessário que realizem as atividades de forma rápida. Assim, além de se tornar mais cansativo, há um grande esforço do corpo na realização da tarefa. Realizamos cálculos aproximados para se obter a informação de quantas vezes, em um dia, o trabalhador batedor de caixa abaixa-se para pegar uma caixa. Podemos realizar o cálculo tendo em vista informações fornecidas pelos próprios trabalhadores, como o número de aves que devem colocar em uma caixa e quantos frangos em média há em um aviário. Em grande parte dos aviários, são engordados cerca de 20.000 frangos e cada trabalhador coloca oito aves por caixa. Quando a turma está completa, são quatro batedores de caixa que ficam responsáveis por carregar cinco mil frangos. Esses cinco mil frangos são colocados em 625 caixas, sendo que cada caixa contém oito frangos. Cada um desses oito frangos pesa em média três quilos, somando assim um total de 24 quilos. Ao final de uma jornada de trabalho, efetuando o carregamento das aves de três aviários, os trabalhadores realizam o ato de abaixar e levantar em média 1.875 vezes em um só dia. Os números

---

<sup>78</sup> Entrevista com Mario (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 02, jun. 2012.

ressaltados não são exatos, mas são aproximados e servem para ponderar sobre os efeitos, a longo prazo, desses movimentos realizados pelos trabalhadores.

Com o esforço realizado e o ritmo intenso de trabalho, o corpo acaba não suportando e passa a apresentar, após um período, os primeiros sinais de adoecimento, como consta no relato do jovem Julio, de 19 anos de idade:

Salete: E assim a pessoa quando ela tá trabalhando um tempo neste serviço não começa a dar dor nas costas por causa do peso, fica carregando, ou até mesmo o pegador de frango fica agachado?

Julio: Dor, isso eu tô cheio de dor.

Salete: Aí meu Deus!

Mãe de Julio: É muito pesado.

Julio: Eu acredito que eu acho que o cara não aguenta uns dez anos.

Salete: E assim tem um cheiro forte lá dentro do aviário, do ácido também, isso lá não irrita o nariz, no começo?

Julio: Ah, irrita.

Salete: Quando o cara não tá adaptado?

Julio: É parece que o cara tá direto engripado.<sup>79</sup>

Julio deixa claro que seu corpo não suporta a rotina intensa de trabalho. Ele exalta: “dor, isso eu tô cheio de dor”. E completa dizendo que acredita que a pessoa não aguenta dez anos de trabalho. Julio fala em dez anos, mas a triste realidade é que talvez não chegue a esta estimativa. Além das dores, ele ressalta ainda sobre o perigo do gás amoníaco, proveniente da cama do aviário, já que além de causar irritação é corrosivo. Quando Julio fala que está “cheio de dor”, exclamo com um “Ai meu Deus!”, pois o jovem acabara de falar que estava sofrendo e este é um indício de que seu corpo não suporta mais essa rotina de trabalho. Julio, com toda uma trajetória de vida, nos relata que seu corpo já apresenta sinais de adoecimento relacionado à sua atividade.

Sua narrativa nos leva a questionar sobre o trabalho atualmente, e também a concordar com Fernando Mendonça Heck sobre adoecimento de trabalhadores do frigorífico Sadia. Fernando Mendonça Heck afirma “a constatação de um modelo de sociedade na qual o trabalho é transformado em emprego, descartável e degradado, cujo objetivo é o lucro a qualquer custo e não há preocupação com a saúde dos trabalhadores”<sup>80</sup>.

<sup>79</sup> Entrevista com Julio (pseudônimo), 19 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 07, Jun. 2012.

<sup>80</sup> HECK, F. M. **Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia, em Toledo (PR)**. 2013. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2013. p. 46.

Para as empresas, não importa o adoecimento do trabalhador, mas a sua produção e o aumento da lucratividade empresarial. Quanto ao trabalhador doente, esse é destituído do amparo e mesmo que em alguns casos seja indenizado, não terá sua saúde reconstituída como anteriormente.

Se não bastasse a extensa jornada de trabalho e o ritmo intenso das atividades que realizam, os trabalhadores foram, por longo tempo, destituídos de transporte adequado. Eram transportados por uma caminhonete, sem poltronas e sem cinto de segurança, como bem demonstra no relato de Julio.

Salete: E como é que funciona o transporte aqui de vocês?

Julio: Transporte? Eu costumo chamá de chacoalhóta.

Salete: Ah é?

Julio: Que isso lá tá louco, chove mais dentro do que fora. Não adianta nem reclamá, eles não fazem nada. Às vezes dá raiva, cara.

Salete: Ah, então vocês até chegam e reclamam porque não é bom o transporte?

Julio: De bom não tem nada.

Salete: E porque que de bom não tem nada?

Julio: Porque eu falo que chove mais dentro do que fora, né?

Salete: Ah, é ainda molha dentro?

Julio: É.

Salete: E lá dentro tem bancos pra sentá, como é que é?

Julio: Tem. Um banco de madeira.

Salete: Mas não tem cinto de segurança, não tem nada?

Julio: Não, não tem nada<sup>81</sup>.

Julio utiliza o termo “chacoalhóta” para explicar como é o transporte que utilizavam diariamente. Ele deixa claro, em seu relato, a indignação quanto ao transporte inadequado e expõe também as condições precárias do mesmo, ressaltando o pequeno espaço, onde os doze trabalhadores “amontoados” na carroceria da caminhonete, são transportados, pois não existem bancos individuais. Alessandro, trabalhador da mesma equipe de Julio, também enfatiza, em seu relato, que o transporte é “ruim”, assim como também se utiliza de denominação específica ao se referir à condução como “Gaiota”.

Salete: E como que funciona alimentação e transporte de vocês?

Alessandro: Nosso transporte fala pra você é ruim hein. (riso)

Vagner: É ruim?

---

<sup>81</sup>Entrevista com Julio (pseudônimo), 19 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 07, Jun. 2012.

Alessandro: É ruim, vixê. Aquela gaiota, lá.

Vagner: Que jeito que é?

Alessandro: É uma caminhonete assim, aí tem os bancos. Tipo ela é assim, aí tem os banco, e daí é só a tábua, não é que tem cinto de segurança nada, não tem nada só o pó da gaita<sup>82</sup>.

Ao narrar sobre o transporte utilizado, Alessandro destaca que é “ruim”, já que não oferece conforto e nem bancos, somente uma tábua. O transporte adequado ao trabalhador se constitui em um direito. Na cidade de Marechal Cândido Rondon, houve a colocação de “vans”, mas no interior, como Iguiporã e Bom Jardim, os trabalhadores eram transportados até o final de 2012 ainda por caminhonete.

Suponho que um dos motivos que levaram à instituição de “vans” no transporte é a fiscalização, já que os trabalhadores eram transportados para diversas localidades do município.

O trabalho de conclusão de curso intitulado *Segurança no trabalho e o uso de equipamentos de proteção individual (IPI) na empresa Rotta Serviços*, de Ana Paula Fachi, Pâmela Patrícia Petry e Daiane Regina Genz, apresenta outra “realidade”:

Os motoristas chamados de chefes de equipes passam nas casas de todos os funcionários da determinada equipe com uma Van de 16 lugares corretamente acomodados e utilizando cintos de segurança de acordo com as normas. Seguem para as propriedades onde ficam os aviários para iniciar o trabalho de apanha e carregamento<sup>83</sup>.

As autoras não problematizam a utilização de transporte inadequado dos trabalhadores, generalizando o uso de “vans”. No entanto, não eram todas as equipes transportadas pelo veículo. Além disso, elas enfatizam que a não utilização de equipamentos de proteção individual é devido a uma “resistência” por parte dos próprios funcionários.

---

<sup>82</sup> Entrevista com Alessandro (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter e Vagner José Moreira. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 15 out. 2011.

<sup>83</sup> GENZ, D; FACHI, A; PETRY, P; **Segurança no Trabalho e o uso de equipamento de proteção individual (IPI) na empresa Rotta Serviços. Marechal Cândido Rondon**. 2011. 55p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)- Administração em empreendedorismo. Faculdade Luterana Rui Barbosa – FALURB, p. 35.

Entretanto, os trabalhadores não recebem uniformes, mas somente uma camiseta da empresa. Além disso, percebe-se também a falta de equipamentos de proteção individual na realização do trabalho, como a bota — fato presente na fala do trabalhador Francisco, que se deslocou do Paraguai em busca de melhores condições de vida e de trabalho para sua família:

Salete: E agora vocês têm uniforme pra trabalha na empresa? Ou é só a camiseta?

Francisco: É só camiseta memo.

Salete: É só camiseta?

Francisco: Que eles deram.

Salete: Bota eles dão também?

Francisco: Bota não.

Salete: Bota não...

Francisco: Bota não. Nem botas nem calça, só camiseta<sup>84</sup>.

Francisco relata que ganham apenas a camiseta para prestar os serviços. Portanto, precisam adquirir as próprias peças de uso diário, tais como calça, casaco e botas, pois não recebem da empresa. Além disso, as roupas precisam ser destinadas apenas para o trabalho, pois após o uso adquirem forte odor. Isso pode ser verificado nos relatos das mães e esposas, que ao realizar as atividades domésticas, são responsáveis também por lavar as roupas de trabalho utilizadas pelos trabalhadores.

Julio, ao ser questionado sobre os equipamentos de trabalho, expõe seu relato da seguinte maneira:

Julio: Bota vinha, o véio dava, mas isso ele cobrava. Não é ganhá.

Salete: ah é então ele descontava?

Julio: É. É complicado, cara<sup>85</sup>.

Julio afirma que o patrão poderia até fornecer a bota, mas que o custo desta era descontado no momento da efetivação do pagamento, caracterizando assim a ausência de fornecimento de qualquer Equipamento de Proteção Individual. Ele se mostra indignado com as condições de trabalho vivenciadas diariamente. Além dos direitos não cumpridos

---

<sup>84</sup> Entrevista com Francisco (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Jardim Alvorada, Marechal Cândido Rondon, PR. 24, mar. 2012.

<sup>85</sup> Entrevista com Julio (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 07, Jun. 2012.

por parte da empresa, mencionados por meio do contexto das entrevistas, como o não fornecimento de alimentação, equipamentos de EPI, uniforme e transporte adequado, há também outro fator: todos os entrevistados contam que durante certo período trabalharam “frio”, sem o devido registro na carteira de trabalho. Essa questão está presente no relato de Mauro, 36 anos, morador do distrito de Bom Jardim, irmão de Alessandro.

Salete: E este tempo que você tá trabalhando é com carteira assinada ou não?

Mauro: Não. Tá com três, três meses agora, fez três meses agora.

Salete: Três meses.

Mauro: Tava trabalhando frio.

Salete: Hum... Antes não daí?

Mauro: É<sup>86</sup>.

Ao contabilizar apenas três meses de trabalho com carteira assinada significa que estava há oito meses sem ser registrado. Mauro e seus três irmãos, Alessandro, Evandro e Anderson, foram entrevistados no decorrer da pesquisa. Os três primeiros são moradores no distrito Bom Jardim e anteriormente residiam em Medianeira.

A entrevista com Anderson foi realizada quando ele estava a passeio na casa de Mauro. Era sábado, dia da semana que, por vezes, não trabalham. Anderson contou que nos finais de semana em que não trabalha, geralmente, procura passear na casa de parentes, seja em Bom Jardim ou em outras localidades. Dessa maneira, ele procura se desligar da rotina de trabalho, a qual exerce no decorrer da semana. Anderson concedeu parte de seu tempo fornecendo uma entrevista e, assim como Osvaldo, havia assinado recentemente sua carteira. Anderson, diferentemente de Mauro, mudou-se para Marechal Cândido Rondon antes e nos conta que está há cerca de cinco anos prestando serviço terceirizado à Copagrill.

Salete: E todo este tempo que você falou de mais ou menos cinco anos foi todo este tempo com carteira assinada?

Anderson: Não.

Salete: Não.

Anderson: Tenho cinco meses de carteira assinada só.

Salete: Só. No mais daí não?

Anderson: não...<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> Entrevista com Mauro (pseudônimo) concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 10, dez. 2011.



Ele relata que passou cerca de quatro anos e alguns meses trabalhando sem registro. Assim, podemos perceber que o trabalhador prestou serviço durante um tempo longo sem nenhum direito trabalhista assegurado pela carteira assinada. No entanto, Mauro e Anderson não são exceções, já que os demais trabalhadores entrevistados relatam que tiveram a carteira assinada depois de muito tempo trabalhando para a empresa.

Além desses trabalhadores, há também os chefes das equipes que exercem a função de motorista e são responsáveis pelo acompanhamento do trabalho, verificando se este está sendo realizado de forma “correta” ou não. Ao serem questionados sobre as exigências cobradas na realização do trabalho, todos os entrevistados confirmam que há a existência de inúmeros cuidados, cobrados para que não haja a ocorrência de hematomas ou morte dos frangos.

Mario: É tem as cobrança dele. É que o chefe de equipe que tem ele sempre tá junto cuidando sempre pra vê de forma que você trabalha, né. Tem que pega certinho o frango, não pode pega de qualquer jeito, pra não quebrá. Na hora de bate não fica jogando caixa de qualquer jeito, tudo as regras certinho pra não prejudica o frango né.<sup>88</sup>

Mario narra sobre os cuidados exigidos para que o frango não chegue à unidade de abate morto e/ou com machucados decorrentes da apanha ou do carregamento. Cita também a presença do chefe certificando se o trabalho que realizam está sendo feito de forma correta. Mario faz referência ao fato de que são orientados a “pegar o frango” pelo dorso e não pela asa, pés ou pescoço: “tem que pega certinho o frango”.

Ele conta que recebem orientações técnicas antes de realizar a atividade. No entanto, há embates entre o saber técnico e o empírico. Isso é o que mostra Evandro, que exerce a atividade há cerca de cinco anos, ao contar sobre o fato de ter saído uma vez por conta de um desentendimento com o chefe de equipe:

---

<sup>87</sup> Entrevista com Anderson (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 10, dez.2011.

<sup>88</sup> Entrevista com Mario (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 02, jun. 2012

Eu discuti assim por causa de serviço mesmo. Quer saber muito e não sabe nada na verdade. Tipo assim eu faz tempo que eu estou neste serviço, aí a maioria das coisas a gente sabe não precisa fica falando.<sup>89</sup>

Evandro afirma que o fato de estar a um tempo na mesma atividade o fez adquirir prática na realização do serviço. Discussões sobre o conhecimento técnico *versus* empírico são inúmeras, principalmente entre avicultores. Casos que ocorrem neste sentido são apontados por Rosane Toebe Zen<sup>90</sup>, em que muitos trabalhadores dessa área relatam a experiência de longos anos na atividade em contraponto aos conhecimentos técnicos de médicos veterinários, por exemplo.

Quanto à relação entre os trabalhadores responsáveis pela apanha e carregamento das aves e o proprietário dos aviários, os avicultores, esta não é tomada no sentido de trabalhador para trabalhador, tendo em vista que ambos são trabalhadores e envolvidos no processo de agroindustrialização de aves. Ao questionar se os trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa possuem contato com o avicultor, eles mencionam que pouco se falam.

A partir das entrevistas, os trabalhadores relatam que, devido às precárias condições desse trabalho, ocorre a rotatividade de funcionários. Assim, não é sempre que se têm os 12 trabalhadores na equipe. Alguns entrevistados informam que há períodos em que trabalham com menos funcionários, como relata o entrevistado Evandro, de 26 anos, morador do distrito de Bom Jardim.

Evandro: Assim, a equipe memo é em doze né. Mas só que sempre falta gente, nos somo em 10, 11 até em nove já trabalhemo, e assim quando falta gente aí é mais puxado ainda né, porque às vezes você tem que bate caixa e desce pega frango. É bem complicado<sup>91</sup>.

---

<sup>89</sup> Entrevista com Evandro (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 12, Nov. 2011.

<sup>90</sup> TOEBE ZEN, R. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A.:** controles, mediações e autonomia. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>91</sup> Entrevista com Evandro (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 12, Nov. 2011.

A falta de trabalhadores na equipe é também uma dificuldade vivenciada por eles, pois esse problema é intensificado para os que continuam na atividade. Por meio da narrativa do entrevistado Mario, se tem conhecimento de como é o trabalho quando a equipe não está completa, devido ao fato de muitos funcionários saírem da empresa.

Salete: É lá daí são doze [oito] batedores de caixa, e quatro pegadores de frango que tem na equipe daí, mas é algum tempo quando sai uma pessoa aí fica um tempo com onze, com dez, como é que fica, ou eles procuram outro daí?

Mario: É muitas vezes trabaía só em dez, onze, muito tempo, a maior parte, nunca tá completa.

Salete: Mas daí fica mais pesado pros outros trabalharem porque a equipe não tá completa ou não?

Mario: Ah, e daí vamo supor, você vai ter que fazê o serviço do outro né, já vai dá mais tempo de trabalho. Se era pra você gastá cinco horas, você vai gasta seis, seis. Vamos supor se tiver um a menos, aí você vai ter que pegá estas caixas desta pessoa, cada carga é de 50 caixas, que você vai ter que pega, vai dividir em sete pessoas, porque é quatro batedor, quatro batedor e oito pegador. Aí já tem que se dividir ter mais caixa, vai ter mais trabalho. Batedor muitas vezes só tão em três, dois<sup>92</sup>.

Mario, embora no momento da entrevista fosse ex-trabalhador batedor de caixa, nos relata a falta de funcionários e o quanto isso dificulta e intensifica o serviço, pois assim precisam trabalhar mais para suprir a falta. No entanto, relatam que não são remunerados por estas horas a mais de serviço.

As condições mencionadas anteriormente se constituem em motivos que levam à desistência desse trabalho, e a busca por outro. Como há períodos em que a equipe está incompleta, o trabalho como batedor de caixa e pegador de frango caracteriza-se pela rotatividade. Os entrevistados relatam que já entraram e saíram diversas vezes da empresa. Apenas Francisco não havia saído no período de um ano. Quanto aos demais trabalhadores, relatam ter saído diversas vezes, evidenciando que a atividade é marcada por alta rotatividade de trabalhadores. Como relata José:

Salete: E desses quatro anos você começou, você parou alguma vez no decorrer destes quatro anos?

José: Sim, eu trabaíava um tempo e daí parava. Daí começava de novo.

---

<sup>92</sup> Entrevista com Mario (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 02, jun. 2012.

Salete: E agora que você tá parado você pretende começa a trabalhar em outro serviço o que, que você pretende fazê?

José: Olha, até hoje de manhã eu fui fala com o chefe de equipe lá pra ver se não tinha vaga pra mim volta de novo. Daí ele disse que ia conversar com o chefe mesmo pra ver se tinha vaga em outra equipe<sup>93</sup>.

Ele não deixa claro o porquê deixou o trabalho, mas no decorrer do relato avalia as dificuldades enfrentadas em encontrar outro emprego. Na avaliação dos trabalhadores, os empregos que encontram no mercado de trabalho são de remuneração menor que a dos pegadores de frango e batedores de caixa.

Salete: Mas, é quanto tempo você ficou pegando frango antes de você entrar como batedor?

Gilson: Ah, só que tipo assim, eu já trabalhei antes um tempo. Agora que entrei trabalha de novo faz uns 10 meses, aí eu já vim como carregador e descarregador.

Salete: Ah, então você já parou um tempo?

Gilson: Sim.

Salete: E você podia contar pra gente porque que você parou?

Gilson: Porque eu não queria mais trabalhar, né... tava, decidi morar com meu pai, achei que ia ser melhor, dai voltei de volta, saí de novo, voltei já, já é a terceira vez, né. **É que nem os piá dizem, uma vez graxaim sempre graxaim, né. (...) Que nem pra nós, assim, pra nós é difícil achar outro serviço melhor**<sup>94</sup>.

Gilson ressalta em seu relato que também parou de trabalhar durante um tempo, mas depois retornou à atividade, enfatizando que é difícil encontrar outro emprego. O trabalhador José reside em Iguaporã, interior de Marechal Cândido Rondon, e Gilson no Jardim Alvorada. Ambos comentam que já pararam de trabalhar na atividade e posteriormente retornaram. Esse processo vivido pelos trabalhadores nos leva a pensar sobre as “oportunidades” de trabalho ofertadas e suas condições, tanto no campo como na cidade.

Mario, ex-trabalhador da empresa, atualmente é funcionário do frigorífico de aves Copagril e conta que trabalhou um período na roça.

<sup>93</sup> Entrevista com José (pseudônimo) concedida à Salete Inês Walter. Iguaporã, Marechal Cândido Rondon, PR. 21, abr. 2012.

<sup>94</sup> Entrevista com Gilson (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Jardim Alvorada, Marechal Cândido Rondon, PR. 23, jan. 2012

Salete: E você podia contá pra gente, que nem agora você tá trabalhando no frigorífico, o que fez você a saí da Rotta [Serviços] e a entrá trabalhá no frigorífico?

Mario: Eu mesmo saí por causa dos horário, né. Porque você não tem horário fixo, você vai e volta, né. Por causa disso.

Salete: E isso se torna cansativo?

Mario: Ele é cansativo porque muitas vezes você saí daqui pra í pra trabalha lá né, se saí num horário, daí se chega lá se quebra alguma coisa que dá você fica 10, 12 horas no aviário esperando e isso se torna mais cansado.

Salete: Ah, então por conta disso.

Mario: Por conta disso, e também por causa das crianças também, aí a gente trabaía tudo ali aí fica mais fácil também<sup>95</sup>.

A mudança de emprego está relacionada à possibilidade de ficar mais tempo com a família. Mario trabalhou um tempo na roça, mas ele não foi único, pois a maior parte dos entrevistados narram que trabalharam em atividades agrícolas ligadas ao meio rural. São trabalhadores que devido a mudanças e/ou outros motivos não conseguem permanecer vivendo e produzindo no campo, sendo que muitos deles deslocam-se para outras regiões em busca de melhores condições de trabalho ou ainda de vida.

Anderson expõe que “mais é, mais por causa, mais por causa do serviço, né”. Como afirma Rinaldo José Varussa, é possível verificar “os deslocamentos em busca de trabalho como deliberação e perspectiva do que eles buscam”<sup>96</sup>. O deslocamento está fundamentado na expectativa de melhores condições de vida e de trabalho.

A família, composta pelos trabalhadores Alessandro, Evandro, Mauro e Anderson, mudou-se de Medianeira para Marechal Cândido Rondon no intuito de conseguir aqui melhores condições para viver e trabalhar. Evandro conta que antes de se mudar estava num acampamento de trabalhadores rurais sem-terra e por alguma razão (não expressa na entrevista) deixou o acampamento para trabalhar como batedor de caixa em Marechal Cândido Rondon.

Rinaldo Varussa discute narrativas de trabalhadores sem profissão definida e daqueles em que o trabalho nomeado como “provisório” constitui-se em atividade contínua, o que ocorre com inúmeros dos pegadores de frango e batedores de caixa. Começam a

<sup>95</sup> Entrevista com Mario (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 02, jun. 2012.

<sup>96</sup> VARUSSA. R. J. “Daí eu agarrei o mundo”: Experiências e trajetórias de trabalhadores “sem profissão definida” a partir do Oeste do Paraná décadas de (1970 à 2000). **História e Perspectivas**. Uberlândia, 71-102, jul.dez.2010. p.75.

trabalhar de forma provisória, mas na falta de outro trabalho acabam permanecendo anos nessa atividade.

No decorrer da pesquisa entrevistei tanto trabalhadores do campo quanto da cidade. Embora tenha ouvido mais relatos de trabalhadores do interior de Marechal Cândido Rondon, percebi que o campo e a cidade não estão separados. Há inúmeros costumes e tradições existentes em ambas as localidades, por exemplo, o fato de tanto trabalhadores do interior como da cidade terem já saído e retornado nesta atividade. Ressalta-se que na atividade de apanha e carregamento de aves há trabalhadores residentes tanto no campo como na cidade. Assim, muitos deles, ao se deslocarem de Bom Jardim para Marechal Cândido Rondon, continuam desempenhando a mesma função, mudando apenas de equipe, como ocorreu com Evandro e Francisco.

Ressalto ainda o fato de que as relações de trabalho entre ambas as localidades também estão interligadas, uma vez que o campo produz a matéria-prima que é industrializada por inúmeras agroindústrias existentes na cidade.

Irma Storti, Lucinéia Fagnani, Rosane Toebe Zen e Antônio Bosi, em suas pesquisas<sup>97</sup>, relatam pouco sobre a atividade e a denominação “graxains”. A imprensa, mais precisamente o jornal *O Presente*, ao abordar sobre o assassinato de um trabalhador “graxaim” no centro da cidade, destaca a fala do sogro: “meu genro morreu de graça ele não era bandido”, onde também aparece a denominação “graxaim”<sup>98</sup>.

Com as fontes orais, questionei como os trabalhadores batedores de caixa e pegadores de frango avaliam e significam a denominação “graxains”. Muitos dos entrevistados relatam que “não ligam”, outros dizem que quando entraram já tinha este termo.

---

<sup>97</sup> BOSI, Antônio de Pádua. História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010). *Revista de História Regional*, v. 16, n. 2, p. 400-430, 2011. FAGNANI, L. **Experiências dos Trabalhadores da Unidade de Produção de Pintainhos da Cooperativa Agroindustrial Lar, Vila Celeste – Santa Helena/Paraná**. 2010. 128f. Monografia (TCC em História), Colegiado do Curso de História, UNIOESTE. 2010. STORTI, I. **As Estratégias de existência camponesa entre os agricultores vinculados à Copagril**. 2010 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão. ZEN, R. T. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A: Controles, mediações e autonomia**. 2009. 142 f. - Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel.

<sup>98</sup> O PRESENTE. Caderno Policial. Sogro diz meu genro morreu de graça e não era bandido. Marechal Cândido Rondon-PR. Publicado em 15/08/2011. Disponível em: <<http://www.opresente.com.br/policial/sogro-diz-meu-genro-morreu-de-graca-e-nao-era-bandido-15744>> Acessado em : 05, jul. 2012.

Salete: Ah, é verdade, eu me esqueci de pedir, como é que é isso, será que eles gostam de ser chamado assim, o que que eles acham?

José: Ah isso aí nem ligam...

Salete: Nem ligam?

José: Não<sup>99</sup> ...

A entrevista realizada com o senhor José ocorreu em uma segunda visita que realizei em sua residência, no distrito de Iguaporã. Com este senhor tive apenas dois dias de conversa, sendo o primeiro em que o conheci e o segundo momento no dia em que realizei a entrevista. Imagino que devido ao pouco contato que mantivemos, ele não tenha se sentido à vontade em falar que não gosta do termo. Em entrevista realizada com Francisco, trabalhador que já conhecia devido ao fato de ter residido em Bom Jardim, mas no momento da entrevista era morador do Bairro Alvorada, afirma que não gosta da denominação “graxaim”:

Francisco: É eu não gosto muito.

Salete: Porque você não gosta muito?

Francisco: Porque é outro, bicho que pega memo.

Salete: Ah, por causa da...

Francisco: É um animal isso né...

Salete: E comparado a vocês que são humanos, né?

Francisco: É.

Salete: ah é por isso então?

Francisco: É<sup>100</sup>.

Suponho por conhecer Francisco da época em que residia em Bom Jardim, ele tenha se sentido mais a vontade em afirmar que o “graxaim” é um animal que “pega memo” e que não gosta de ser comparado a um animal que pega galinhas. E não gosta de ter seu trabalho associado e nem definido como o de um animal.

Ao fim desta pesquisa podemos concluir que os trabalhadores batedores de caixa e pegadores de frango estão incluídos num processo de agroindustrialização de aves, no qual não são consideradas as condições de trabalho, dada a exploração dos trabalhadores, pois as

---

<sup>99</sup> Entrevista com José (pseudônimo) concedida à Salete Inês Walter. Iguaporã, Marechal Cândido Rondon, PR. 21, abr. 2012.

<sup>100</sup> Entrevista com Francisco (pseudônimo), concedida à Salete Inês Walter. Jardim Alvorada, Marechal Cândido Rondon, PR. 24, mar. 2012.

cooperativas pautam-se no modelo empresarial de produção capitalista. E nesse modo de produção, os trabalhadores não têm importância, a não ser pelo lado econômico que desempenham.

Ao longo do tempo houve grandes mudanças no processo de produção de aves. Atualmente, a avicultura se constitui em uma atividade produtiva e a produção de frangos está organizada em termos industriais com perspectiva capitalista. Neste complexo produtivo estão também os trabalhadores, desde os pequenos avicultores aos trabalhadores das unidades industriais. E nesse meio, os trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa também estão submetidos ao modelo industrial de produção capitalista, tanto na divisão como na exploração da mão de obra, que impõe rotinas e ritmos de trabalho.

A produção e industrialização de ovos e aves na contemporaneidade passaram por um processo intenso de transformação. O processo histórico vivido fixou limites e exerceu pressões sobre os modos de vida dos trabalhadores do campo e da cidade. O trabalho foi intensificado ampliando a exploração dos trabalhadores<sup>101</sup>.

Ao constituir uma história dos trabalhadores batedores de caixa e pegadores de frango, estamos trazendo à tona o quanto são explorados e mutilados pela rotina intensa de trabalho e a expropriação de seus direitos trabalhistas.

---

<sup>101</sup> MOREIRA, V. J. **A experiência social de trabalhadores ovejais e a produção de ovos e aves no tempo do “tubarão de galinhas”**. Anais Eletrônicos / DVD-Rom do II Simpósio Nacional em História - Trabalho, Cultura e Poder: 'O Ofício do Historiador' (31 de Agosto a 03 de Setembro de 2010) Unioeste / Marechal Cândido Rondon, 2011, p. 01.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, por meio desta pesquisa, discorrer sobre o processo de agroindustrialização do campo, bem como sobre os trabalhadores inseridos nesse processo. A mídia, como *O Presente Rural*, expõe dados como de exportação, produção, abate e empregos gerados com as agroindústrias e os destaca como importantes para o “desenvolvimento” da região Oeste do Paraná.

Assim, a imprensa contribui para a formação de uma ideologia positiva acerca da instituição tanto de agroindústrias como de demais empresas, ocultando a degradação e o adoecimento que sofrem os trabalhadores. Desta forma, a imprensa defende o interesse da classe dominante, não levando em consideração a qualidade dos empregos gerados ou suas consequências na vida dos trabalhadores. A Copagril é retratada, na imprensa, como importante por meio do discurso de que ao gerar emprego e renda gera “desenvolvimento”.

A mídia omite as reais condições de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores, que são conhecidas somente por meio dos relatos desses próprios sujeitos, como em entrevistas com os pegadores de frango e batedores de caixa, que são contratados por uma empresa que presta serviços terceirizados à Unidade Industrial de Aves Copagril. O trabalho realizado por essas pessoas, sujeitos da pesquisa, não difere muito do trabalho de empregados da agroindústria, tendo em vista que, ao se pautar apenas na questão da produção e na busca pelo lucro, são impostos ritmos de trabalho que resultam no adoecimento dos trabalhadores.

Por meio das fontes orais, procurei enfatizar as extenuantes jornadas de trabalho que podem gerar em problemas físicos e psicológicos, resultado do problemático modelo de sociedade no qual o trabalho é transformado em emprego, descartável e degradado, objetivando somente o lucro, sem nenhuma preocupação com a saúde e a vida dos trabalhadores.

Nesse sentido, são necessárias mudanças no mundo do trabalho que encontramos atualmente. Mas para isso é também necessário alteração na sociedade atual, na qual o trabalho não deveria ser pensado como meio de extrair dinheiro. Dessa forma, os trabalhadores teriam trabalhos dignos, com melhor remuneração e melhores condições

trabalhistas, inclusive com movimentos e ritmos de acordo com o que o corpo humano suporta, evitando adoecimentos.

## RELAÇÃO DE FONTES – Entrevistas

Entrevista com Mario (pseudônimo), 37 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 02, jun. 2012. Mario residia anteriormente no país vizinho Paraguai. Mudou-se para Marechal Cândido Rondon com sua família à cerca de 10 anos. Durante este período realizou trabalho em atividades na roça. Como pegador e batedor de caixa. E no momento da entrevista prestava serviço à Unidade Industrial de Aves Copagril.

Entrevista com Evandro (pseudônimo), 26 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 12, Nov. 2011. Evandro migrou de Medianeira para Marechal Cândido Rondon à cerca de 6 anos. Contou que antes em medianeira participou do movimento de luta pela terra – MST. Ao chegar em Marechal Cândido Rondon trabalhou um período na roça e posteriormente iniciou como pegador de frango. No momento da entrevista ocupava a função de batedor de caixa.

Entrevista com Julio (pseudônimo), 19 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 07, Jun. 2012. Julio é natural de Marechal Cândido Rondon e mora em Bom Jardim junto com sua mãe. No momento da entrevista o jovem não havia terminado os estudos, mas mencionou que pensa em estudar e concluir o ensino médio

Entrevista com José (pseudônimo) 38 anos, concedida à Salete Inês Walter. Iguaporã, Marechal Cândido Rondon, PR. 21, abr. 2012. José morador de Iguaporã distrito de Marechal Cândido Rondon à quatro anos. Antes residia em Pato Bragado onde trabalhava em uma Fecularia.

Entrevista com Francisco (pseudônimo), 26 anos, concedida à Salete Inês Walter. Jardim Alvorada, Marechal Cândido Rondon, PR. 24, mar. 2012. Francisco é filho de brasileiros nacionalizados no Paraguai. Migrou para Marechal Cândido Rondon com a esposa e dois filhos. Morou dois anos em Bom Jardim, mas no momento da entrevista residia no Jardim Alvorada em Marechal Cândido Rondon.

Entrevista com Anderson (pseudônimo), 30 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 10, dez.2011. Anderson migrou de Medianeira para Marechal Cândido Rondon com sua família em busca de trabalho. Em Medianeira trabalhava fazendo carpinagem para a Cooperativa Agroindustrial Lar. Em Marechal Cândido Rondon começou na atividade de pegador de frango.

Entrevista com Gilson (pseudônimo), 20 anos, concedida à Salete Inês Walter. Jardim Alvorada, Marechal Cândido Rondon, PR. 23, jan. 2012. Gilson é de nacionalidade brasileiro. É pai de família e reside no bairro alvorada em Marechal Cândido Rondon. Entrou na empresa prestando serviço na função de pegador de frango e posteriormente passou a função de batedor de caixa.

Entrevista com Mauro (pseudônimo), 37 anos, concedida à Salete Inês Walter. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 10, dez. 2011. Mauro migrou de Medianeira para Marechal Cândido Rondon com sua família.

Entrevista com Alessandro (pseudônimo), 19 anos, concedida à Salete Inês Walter e Vagner José Moreira. Bom Jardim, Marechal Cândido Rondon, PR. 15 out. 2011. Alessandro migrou com sua família de Medianeira para Marechal Cândido Rondon. Desde que chegou em Marechal não deu continuidade aos estudos, já que logo que chegou começou à prestar serviço como pegador de frango. No momento da entrevista ocupava a função de batedor de caixa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. E. J. Os Famintos do Ceará. In: FENELON, D. et. Alli. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D' água, 2004.

BELUSSO, D. A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2010.

BEN, M. Os “nós” da territorialização da Cooperativa Agroindustrial Lar no Oeste paranaense. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2011.

BOSI, Antônio de Pádua. História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010). **Revista de História Regional**, v. 16, n. 2, p. 400-430, 2011.

BOSI, Antônio Paula.; VARUSSA, Rinaldo José. O trabalho em disputa. In: PORTELLI, A. et al. **Mundos dos trabalhadores: lutas e projetos históricos**. 1 ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009, v. 1, p. 27 - 52.

CRUZ. H. F; PEIXOTO, M. R.; Na oficina do historiador: conversas sobre imprensa e história. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CRUZ. H. F. No avesso das comemorações: Memória, Historiografia e o Bicentenário da Imprensa. **História & Perspectivas**. Uberlândia. Jul. Dez.2008.

CUNICO, J. M. **A produção de leite para Frimesa Cooperativa Central e as relações de trabalho no campo no Oeste do Paraná**. 61 f. Monografia (TCC em História) – Colegiado do Curso de História, UNIOESTE, 2011.

GENZ, D; FACHI, A; PETRY, P; **Segurança no Trabalho e o uso de equipamento de proteção individual (IPI) na empresa Rotta Serviços**. Marechal Cândido Rondon. 2011. 55p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)- Administração em empreendedorismo. Faculdade Luterana Rui Barbosa, FALURB.

GOLÇALVES. C. **Fluxograma de abate de aves**. Trabalho de conclusão de curso. Instituto Quallitas. Goiânia. 2008.

HECK, F. M. **Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia, em Toledo (PR)**. 2013. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2013.

HOBSBAWM, E. J. **Os trabalhadores**: Estudos sobre a história do Operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MACIEL, L. A. Produzindo notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo imprensa -1880/1920. In: FENELON, D. et. Allí. **Muitas memórias outras histórias**. São Paulo: Olho D' água, 2004.

MACIEL, L. A. De “o povo não sabe ler” a uma história dos trabalhadores da palavra. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A. (orgs.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D`Água, 2006.

MARX, K. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOREIRA, V. J. **A experiência social de trabalhadores oveiros e a produção de ovos e aves no tempo do “tubarão de galinhas”**. Anais Eletrônicos / DVD-Rom do II Simpósio Nacional em História - Trabalho, Cultura e Poder: 'O Ofício do Historiador' (31 de Agosto a 03 de Setembro de 2010) Unioeste / Marechal Cândido Rondon, 2011.

STORTI, I. **As Estratégias de existência camponesa entre os agricultores vinculados à Copagril**. 2010 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1997.

VARUSSA, R. Sindicalismo e trabalhadores em cooperativa no oeste do Paraná. *Mundos do Trabalho*. vol. 4, n. 7, p. 163-177, jan.-jun. 2012.

\_\_\_\_\_. “Daí eu agarrei o mundo”: Experiências e trajetórias de trabalhadores “sem profissão definida” a partir do Oeste do Paraná décadas de (1970 à 2000). **História e Perspectivas**. Uberlândia, 71-102, jul.-dez. 2010.